



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM  
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) / LÍNGUA PORTUGUESA**

**ISABELLA MARIA DE OLIVEIRA BRITO**

**A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS EM *LIVES* MUSICAIS DURANTE A  
PANDEMIA DE COVID-19: REALIDADES E PERSPECTIVAS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**SÃO CARLOS  
2021**

ISABELLA MARIA DE OLIVEIRA BRITO

**A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS EM *LIVES* MUSICAIS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: REALIDADES E PERSPECTIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado ao curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel sob a orientação do Prof. Dr. Marcus Vinicius Batista Nascimento.

SÃO CARLOS  
2021

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me guiar nessa jornada. Aos meus pais (Jarlei e Patrícia) que mesmo tão longe sempre estiveram tão perto, minha eterna gratidão por acreditarem nos meus sonhos e observarem meu voo.

A esta Universidade e seu corpo docente que durante esses anos compartilharam conhecimento e me incentivaram. Ao meu orientador Professor Dr. Vinícius Nascimento, pelo suporte, correções e incentivos. Obrigada por acreditar no meu potencial nos momentos em que não tive força e duvidei.

A todos que de forma direta ou indireta estiveram ao meu lado nesses anos. Em especial meus agradecimentos ao Victor Nery, Luiza Trindade e Bruna Emiliano. Não poderia deixar de agradecer a Sheila Bassoli, Josi Silva e a Sabrina, por serem exemplos na minha vida e me incentivarem a continuar minha formação. Também meus agradecimentos ao Cauê e sua família, que agora também é a minha. A universidade me presenteou com todos vocês e transbordo de gratidão.

Só eu sei como não foram fáceis esses anos, quanta saudade no peito e quantos momentos de dúvidas. Porém, ao olhar sobre meus ombros percebo que quando temos um sonho precisamos abrir mão de muitas coisas, e principalmente do tempo compartilhado. Também dedico esse trabalho aos meus dois amores, Gabriel e Manu, a tia ama vocês e morre de saudade todos os dias. Espero que um dia entendam minha ausência e, também, voem pelos seus sonhos. Não existe nada mais belo do que ser quem você é e eu desejo isso para vocês dois. Agradeço por ter sido escolhida por vocês.

Não poderia deixar de mencionar e dedicar este trabalho à cantora Marília Mendonça (*In Memoriam*) que foi a primeira a contratar intérpretes para as suas *lives* musicais neste período de COVID-19. Ela abriu a oportunidade à nossa categoria e, conseqüentemente, outros artistas foram pelo mesmo caminho. Ficará em nossas memórias seu eterno legado.

A todos que acreditaram nos meus sonhos, dedico este trabalho de conclusão de curso.

*“Eu tenho vinte e poucos anos e não vou parar aqui. Eu sinto falta da minha casa. Minha mãe sente minha falta. Tudo bem, essa é a vida que eu escolhi”*

(Lagum)

## RESUMO

BRITO, Isabella Maria de Oliveira. **A atuação do intérprete de libras em lives musicais durante a pandemia de COVID-19: realidades e perspectivas.** 75 fl. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e Língua Portuguesa, , Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

Com o aumento da interação remota no período de COVID-19, a produção cultural virtual se tornou uma opção para que os brasileiros pudessem vivenciar momentos de lazer, de modo seguro, durante o isolamento social. Uma dessas produções foram os *shows* realizados por artistas brasileiros e transmitidos por plataformas virtuais de amplo acesso, as denominadas *lives* musicais. Alguns desses *shows*, com o intuito de ampliar o público com pessoas surdas, passaram a contar com a participação de intérpretes da língua brasileira de sinais (Libras). Nesse cenário emergente de atuação para esses profissionais, questiona-se quais são os desafios implicados na interpretação de Libras em *lives* musicais. Diante disso, o objetivo desse estudo é compreender o contexto e as práticas da interpretação do português para a Libras em *lives* musicais. Os objetivos específicos são descrever as relações de trabalho dos intérpretes de Libras/Língua portuguesa neste contexto, examinar as questões valorativas em torno da atuação e discutir perspectivas futuras da atuação do intérprete nesse contexto. Este estudo se fundamenta na perspectiva dialógica da linguagem construída pelo Círculo de Bakhtin, na Ergologia, abordagem multidisciplinar que busca compreender a atividade de trabalho como atividade humana e nos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais, como área emergente que tem como ponto central a intermodalidade das línguas envolvidas em processos tradutórios e interpretativos. Foram entrevistados 2 sujeitos por meio da entrevista semiestruturada realizada pelo modo remoto por meio da plataforma *Google Meet*. A partir da articulação das análises verticais e horizontais dos enunciados concretos obtidos pela entrevista percebemos que é de extrema importância uma formação específica na área artístico-cultural, bem como o desenvolvimento da competência e do saber de negociação para estabelecer margens de uma atuação de qualidade, como o acesso prévio ao repertório e contratação de uma equipe de intérpretes capacitados. Além disso, destaca-se, também, a importância do trabalho em equipe e do processo de tradução das letras musicais para que o intérprete possa ter a possibilidade de co-criação no momento de atuação.

**Palavras-chave:** Intérprete de Libras; Live musical; Pandemia de COVID-19; Esfera artístico-cultural; Interpretação musical.

## ABSTRACT

BRITO, Isabella Maria de Oliveira. **The Brazilian of Sign Language work at musical lives during the COVID-19 pandemic: realities and perspectives** .75 fl. Course Conclusion Work (Graduation) – Bachelor's Degree in Translation and Interpretation in Brazilian Sign Language and Portuguese. Federal University of São Carlos, 2021.

In the COVID-19 pandemic, there was an increase in remote interaction and a virtual cultural production became an option for Brazilians to experience leisure time, in a safe way, during social isolation. One of these productions were the concerts performed by Brazilian artists and broadcasted on widely accessible virtual platforms, the so-called online concerts. Some of these concerts, started having the participation of interpreters of the Brazilian sign language (Libras) to involve deaf people in order to expand the audience. We question the challenges involved in the interpretation of Libras in online concerts, considering this emerging scenario of performance for these professionals. Therefore, the aim of this study is to understand the challenges involved in interpreting from Portuguese to Libras in online concerts. The specific goals are to describe how interpreters are hired, examine the debate of values around working in this context and identify the realities of interpretation in online concerts. This study is based on the dialogic perspective of language constructed by the Bakhtin Circle, in Ergology, a multidisciplinary approach that seeks to understand the work activity as a human activity, and in the Studies of Translation and Interpretation of Sign Language, as an emerging area whose core is the intermodality of languages involved in translation and interpretive processes. Two subjects were interviewed through semi-structured interviews conducted remotely through the *Google Meet* platform. From the articulation of vertical and horizontal analyzes of the concrete statements obtained in the interview, we realized that specific training in the artistic-cultural area is extremely important, as well as the development of competence and negotiating knowledge to establish margins for quality performance, such as prior access to the repertoire and hiring a team of trained interpreters. In addition, the importance of teamwork and the process of translating the lyrics so that the interpreter can have the possibility of co-creation at the time of performance is also highlighted.

**Key-words:** Libras Interpreter; Online Concert; COVID-19 pandemic; Artistic- cultural sphere; Musical interpretation.

## LISTA DE FIGURA

Figura 1: *Live* da Marília Mendonça

Figura 2: *Live* “Aqui em Uberlândia”

Figura 3: *Live* Lucas Lucco



## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1- Proposta do PL nº9382/2017

Quadro 2: Identificação dos participantes

Quadro 3- Proposta de transcrição do Projeto Nurc

Quadro 4: Representação da metodologia proposta por Campos (2018)

Quadro 5 - Síntese das análises verticais

## LISTA DE ABREVIATURAS

CAAE- Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

CAS- Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez

ETILS -Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais

FENEIS -Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos

HU- Hospital Universitário

LIBRAS -Língua Brasileira de Sinais

NURC-SP- Projeto Norma Urbana Culta da Cidade de São Paulo

OMS -Organização Mundial da Saúde

PL- Projeto de Lei

PROLIBRAS- Exame Nacional para Certificação de Proficiência em LIBRAS

TCC -Trabalho de Conclusão de Curso

TILS- Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais

TV- Televisão

UFG- Universidade Federal de Goiás

UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

UFSCar- Universidade Federal de São Carlos

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

---

INTRODUÇÃO.....	12
1. BREVE HISTÓRICO DA ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS .....	14
1.1. Interpretação em <i>lives</i> musicais .....	16
2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	20
2.1 O pensamento bakhtiniano.....	20
2.2 A Ergologia: relação homem-trabalho.....	22
2.3. O profissional Tradutor e Intérprete e o uso de si.....	24
2.4. Estudos da Tradução e Interpretação da Língua de Sinais .....	25
3. METODOLOGIA .....	27
3.1. Metodologia de Coleta.....	27
3.3. Metodologia de Análise .....	29
4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS .....	31
4.1. Análise da verticalidade.....	31
4.1.1. Entrevistado 1. ....	31
4.1.2. Entrevistado 2. ....	44
4.1.3. Sínteses das análises verticais.....	50
4.2. Análise na Horizontalidade.....	52
4.2.1. Formação e experiências .....	52
4.2.2. TILS na esfera artístico-cultural.....	54
4.2.3. A preparação, contratação e o trabalho em equipe.....	55
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	57
7. REFERÊNCIAS .....	60
8. ANEXOS .....	67

## INTRODUÇÃO

No ano de 2020 e até o presente momento, segundo semestre de 2021, enfrentamos a pandemia de COVID-19 causada pelo novo coronavírus, o que nos obrigou uma adaptação forçada para evitar aglomerações e nos mantermos em distanciamento social. Como consequência, as atividades que antes eram realizadas de forma presencial passaram a ser realizadas remotamente por recomendação da OMS (Organização Mundial da Saúde). Aulas, simpósios, congressos, palestras, *lives* entre outras atividades estão sendo realizadas através de plataformas digitais por meio da adoção de medidas para continuar mantendo a qualidade de informações mesmo de modo virtual. Segundo Kurimoto (2020, p. 1),

a Pandemia do novo Coronavírus, COVID-19, nos impôs condições radicais: ficar em casa; aqueles que precisam ir e vir precisam fazê-lo com verdadeiros protocolos, extensos e complexos, que por si só anunciam que a situação é grave; abrir mão de contatos físicos, algo muito arraigado em nossa cultura; assim como também é arraigado o levar pouco a sério doenças e alguns riscos; estar mais atentos e atentas para cuidados higiênicos mais rigorosos e etiqueta respiratória; evitar aglomerar-se, seja voluntariamente em shows ou jogos de futebol, ou involuntariamente, no transporte público, por exemplo.

O formato remoto, adotado em caráter emergencial, se caracteriza por atividades realizadas simultaneamente e transmitidas ao vivo por meio de plataformas como, por exemplo o *YouTube*, para seus respectivos telespectadores. (CUNHA, SILVA e SILVA, 2020). Esse estilo permite uma interação social a partir de *chats* e outros recursos digitais disponíveis. Nesse cenário se popularizou a presença de profissionais tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras)/Língua portuguesa durante a realização desses eventos por meio da janela de Libras, como meio de garantir a acessibilidade e participação de um grupo minoritário: os surdos.

Entre os gêneros emergentes na pandemia, a *live* musical se popularizou rapidamente por fazer parte da esfera de entretenimento e ser uma forma possível de ter contato com artistas neste período. Inicialmente, essas apresentações não contavam com a participação de intérpretes de Libras e conseqüentemente não estavam acessíveis a comunidade surda. Entretanto, com um movimento espontâneo da classe artística as *lives* passaram a contar com a atuação desses profissionais. A primeira *live* musical com presença de intérpretes de Libras aconteceu no dia 8 de abril de 2020 e se intitulava “*Live Local Marília Mendonça*”<sup>1</sup>, uma iniciativa da artista Marília Mendonça na plataforma do *YouTube*. Com aproximadamente 3 horas e meia de duração, a *live* contou com mais de 2 milhões de visualizações simultâneas, e

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s-aScZtOfbM>

atualmente chega a proximamente 56 milhões de acessos. Ela abriu este espaço para a categoria de intérpretes e, conseqüentemente, outros artistas começaram a contratar profissionais para atuarem em suas *lives*.

Albres (2020) mapeou o caminho e desenvolvimento das políticas públicas que garantem o acesso dos surdos aos contextos artístico-culturais. A publicação da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS) na década de 80 falava da importância da tradução e interpretação para o acesso à arte e bens culturais (FENEIS, 1988) e, também, o reconhecimento pela UNESCO, através da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos sobre a extensão da garantia linguística aos serviços culturais (UNESCO, 1996). Esse direito está defendido na Constituição Federal de 1998, em seu capítulo III, que leva como título “Da Educação, da Cultura e do Desporto” (BRASIL, 1988).

O contexto emergente de atuação de intérpretes de Libras em *lives* musicais faz surgir questionamentos sobre as formas de atuação desses profissionais, seus desafios, adaptações e realidades abrindo, com isso, novas possibilidades de investigação no âmbito dos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (ETILS). Em seu artigo, Albres (2020) também cita sobre a complexidade da atuação neste campo e o preparo do profissional que atuará neste contexto em relação às especificidades. Segundo a autora,

a tradução e interpretação na esfera artístico-cultural é um processo de extrema complexidade, exigindo do profissional competências interpretativas e performáticas, flexibilidade, sensibilidade e leveza que requerem formação especializada. (ALBRES, 2020, p. 381).

O presente trabalho tem como objetivo geral compreender o contexto e as práticas da interpretação do português para a Libras em *lives* musicais e, como objetivos específicos, buscará (i) descrever as relações de trabalho dos intérpretes de Libras/Língua portuguesa neste contexto; (ii) examinar as questões valorativas em torno da atuação neste contexto; (ii) discutir perspectivas futuras da atuação do intérprete nesse contexto.

Sendo assim a pesquisa justifica-se na necessidade de aprofundamento teórico sobre o tema e entendimento sobre a atividade de trabalho a partir da perspectiva de profissionais que atuam diretamente com esse contexto.

Nesse sentido, a partir das formulações teórico-metodológicas empreendidas pelo que hoje denominamos Círculo de Bakhtin sobre a linguagem em diálogo com Ergologia, abordagem francesa de estudo do trabalho, e dos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais, buscamos compreender essa nova realidade de trabalho por meio de

entrevistas com intérpretes de Libras-português que atuaram/atuam em *lives* musicais durante a pandemia.

## **1. BREVE HISTÓRICO DA ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS**

Para compreender quem é este profissional tradutor e intérprete, se faz necessário retomar a linha do tempo e entendermos um pouco desta trajetória. A profissão começou como um trabalho voluntário principalmente nos contextos religiosos em que um dos objetivos era a evangelização dos sujeitos surdos. O mediador, nesse caso, aprendia a língua de sinais na interação e se constituía intérprete a partir do cotidiano, sendo a comunidade surda o seu espaço de formação.

A formação para atuar em níveis mais complexos, como conferências, universidades, contexto jurídico, educacional, área médica e em outros ambientes linguísticos desconhecidos, ficam a desejar na formação desses sujeitos que atuam exclusivamente em contextos religiosos (JESUS, 2013. p.16).

A formação e a atuação dos intérpretes de língua de sinais aconteciam na informalidade, sendo moldada pelo voluntariado com intuito de promover o acesso à informação e o aumento da participação da comunidade surda em diferentes espaços (LACERDA, 2010). Sabemos também que o início da atuação profissional se deu, muitas vezes, na informalidade, no cotidiano em diversas situações, o que dificulta a análise do primeiro momento de trabalho desses profissionais (NASCIMENTO, 2016), já que em contato com a comunidade surda é natural que ele se aproprie deste papel de mediador em certas ocasiões, mesmo que não apresente fluência e domínio da língua de sinais, devido às emergências de comunicação dos surdos com a sociedade ouvinte na qual estão inseridos

Em 2002, com a Lei 10.436/02, a Libras foi oficialmente reconhecida como meio legal de expressão e comunicação da comunidade surda ganhando, assim, maior visibilidade e pressionando o poder público a garantir direitos, como apoiar o uso e difusão da língua de sinais e incluir a Libras nos sistemas educacionais (GAMBINI; FONTANA, 2016). A partir deste momento o ensino da Libras tornou-se disciplina obrigatória nos cursos de formação em Educação Especial, Magistério e Fonoaudiologia (BRASIL, 2002).

Discussões sobre a formação profissional do tradutor e intérprete de Libras foram sendo cada vez mais fortalecidas com estudos e pesquisas da área, que mostravam a necessidade de uma formação solidificada e aprofundada nos Estudos da Tradução para preparar esse profissional e capacitá-lo adequadamente em nível superior. Com o decorrer dos anos outros documentos foram sendo promulgados como o Decreto nº 5.626 de 2005, que

aborda questões antes não apresentadas na Lei nº 10.436 de 2002 (BRASIL, 2002), como a formação profissionalizada em nível superior dos intérpretes e tradutores de Libras descrito no artigo 17 onde determina a formação em nível superior em cursos de Tradução e Interpretação com habilitação em Libras- Língua portuguesa.

Já em 2010, na Lei nº 12.319/10, no seu artigo 4, é admitida a formação destes profissionais em nível médio devido ao veto do artigo que determinava a exigência de nível superior para essa atuação. A Lei em questão (nº 12.319/10) resumidamente explicita que no exercício de sua competência o profissional, o tradutor e intérprete de Libras precisará mediar a comunicação entre sujeitos, interpretar atividades didáticos-pedagógicas e culturais em instituições de diversos níveis de ensino, atuar em processos seletivos e concursos públicos, atuar em apoio à acessibilidade e prestar serviço em depoimentos em juízo, órgãos administrativos e policiais (BRASIL, 2010). Entretanto, até a finalização desta pesquisa, está em andamento o Projeto de Lei nº 9382/2017 que alterará a Lei citada anteriormente no que se diz a respeito da regularização da profissão de tradutor, guia-intérprete e intérprete de Libras. Ele busca a modernização da regulamentação da profissão, contribuindo para um maior reconhecimento e valorização profissional da categoria. Trazendo como proposta em seu texto a jornada máxima de 6 horas diárias ou 30 horas semanais, entre outras modificações. Além de constar em sua proposta, como mostra no Quadro 1:

Pelo projeto, o exercício dessas profissões será privativo para:
<ul style="list-style-type: none"><li>• Bacharéis em tradução e interpretação em Libras - Língua Portuguesa ou em Letras com habilitação em tradução e interpretação de Libras e Língua Portuguesa;</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Bacharéis em outras áreas que, na data de publicação da lei, tenham sido aprovados em exame de proficiência em tradução e interpretação em Libras - Língua Portuguesa;</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Bacharéis em outras áreas que possuem diplomas de cursos de extensão, formação continuada ou especialização, e tenham sido aprovados em exame de proficiência em tradução e interpretação em Libras - Língua Portuguesa;</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Profissionais habilitados conforme a legislação anterior;</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Profissionais que comprovarem atuação de 5 anos;</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Portadores de certificado de exame de proficiência em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa.</li></ul>

Fonte: Agência Câmara de Notícias<sup>2</sup>

O projeto reafirma a importância de que, conforme o nível de exigência que se espera destes profissionais, se justificaria uma formação em nível superior e não em nível médio,

<sup>2</sup> Disponível em: <https://cd.jusbrasil.com.br/noticias/573160570/projeto-regulamenta-a-profissao-de-tradutor-de-libras>.

para que de fato seja correspondente com suas responsabilidades (FARIA, GALÁN-MANÃS, 2018).

Embora existam políticas públicas que garantem o acesso ao sujeito surdo nas mais diversas áreas, como lazer, saúde, entretenimento, sabemos que em muitos desses ambientes acaba, infelizmente, não tendo a presença de um profissional mediador e, muitas vezes, por falta de consciência vinda do contratante. Em outras palavras a comunidade surda não tem o direito de escolha como, por exemplo, ir à uma peça teatral em um domingo ou frequentar um evento. Primeiro, o surdo precisa se informar se lá haverá ou não um intérprete evidenciando que, o mais adequado, seria a acessibilidade chegar antes do surdo, bem como seu direito linguístico ser respeitado em todas as esferas (ALMEIDA, 2008; RODRIGUES, 2010; SANTOS; FRANCISCO, 2018).

A forma como as políticas são declaradas em documentos (leis, portarias, decretos) criam uma expectativa de acesso pleno aos bens culturais disponíveis a todos os cidadãos, mas da forma como são interpretadas e conduzidas podem dificultar o real direito de usufruir de espaços culturais e públicos no país (ALBRES, 2020. p. 367).

Em 2004 o Decreto nº 5.296 (BRASIL, 2004) também menciona a categoria de tradutores e intérpretes, como mediadores e indica a contratação destes na esfera de eventos científicos-culturais promovidos por entidades públicas, principalmente. Neste presente trabalho não vamos nos aprofundar nestas questões políticas quando ao direito linguístico e políticas públicas. Cabe apenas destacar que é direito do surdo ter acesso a informação em sua língua natural e que a formação de profissionais na área, ainda é, generalista.

### **1.1. Interpretação em *lives* musicais**

A partir do histórico apresentado acima, colocamos em foco de observação a atividade de interpretação intermodal em *lives* musicais de diferentes estilos e que mobiliza saberes constituídos e instituídos na prática da atuação. Um gênero poético e que apresenta grandes desafios e problemas tradutórios na dimensão verbal como, por exemplo, a rítmica (NASCIMENTO; MARTINS; SEGALA, 2017).

Bakhtin (2006) menciona que a compenetração na cultura do outro deve ser compreendida como um elo entre culturas diferentes que não se emaranham, mantendo sua singularidade e particularidade. Para que, a partir do conhecimento e compreensão o enriquecimento de ambas, possa trazer algo novo e criativo, mantendo seu peso semântico. Esse fenômeno é definido por Bezerra (2012) como uma compenetração dialógica.



Daí surge a percepção de uma *interpretação criativa* que mantém sua individualidade, suas especificidades e aproxima a essência de uma obra original para uma traduzida. O tradutor de obras russas discorre sobre o tema relacionando-o com a tradução de obras literárias, onde afirma não operar com significados previamente impostos e sim com sentidos atribuídos à obra e torna-se uma expressão artística a interpretação criativa desses sentidos e cria a “dessemelhança do semelhante” (BEZERRA 2012, p.52).

Também ao colocarmos em foco as interpretações realizadas remotamente, não podemos ignorar a evolução significativa da tecnologia em apoio aos serviços de tradução e interpretação, seja em línguas vocais-auditivas e até mesmo em línguas gesto-visuais (FIRMINO, 2016). Para os intérpretes de línguas vocais-auditivas há familiarização no uso de cabines durante a interpretação e podemos encontrar uma equivalência desta tecnologia ao referirmos a prática profissional de um intérprete de Libras durante as *lives* musicais, visto que muitos ficam em outro ambiente equipado com fundo verde, luzes, entre outros equipamentos e recebem o som remotamente para que a sinalização possa ser filmada e exibida simultaneamente. Essa abordagem também pode ser usada em conferências, palestras e outros serviços.

Quando aliamos sabiamente a tecnologia a nosso favor, moldamo-las para nosso próprio benefício. Um exemplo disso seria a criação de banco de dados (conhecidos como sinalários), uso de câmeras, computadores, programas de edição *online*, fundo verde, uso de elementos visuais digitais etc. Aliados, esses elementos favorecem a *performance* do intérprete em sua atuação. Além de, neste período atual de COVID-19, fornecer acessibilidade através da tecnologia em canais de informações, entretenimento e outros.

Muitos recursos tecnológicos citados aqui estão longe de ser o ideal. Porém, representam um grande avanço no campo da interpretação. Encontrar nosso espaço neste novo ambiente tecnológico e aprender a usá-lo com sucesso é um desafio nos dias atuais (FIRMINO, 2016, p.12).

Com o objetivo de incentivar o isolamento social e as medidas de distanciamento, como forma emergencial, os artistas adaptaram-se às tecnologias e forneceram o que antes eram *shows* presenciais passaram a ser realizados remotamente no formato de *live*. A plataforma mais utilizada foi o do *YouTube* que criou *hashtags*<sup>3</sup> intituladas “#fiqueemcasa”, “#fiqueemcasaecantecomigo” para aumentar o acesso e a divulgação deste conteúdo. Ao

---

<sup>3</sup> Moura (2014, p.150) defini *hashtags* como “uma palavra ou uma frase prefixada, precedida pelo símbolo # (hash, em inglês). Na verdade, e mais radicalmente, qualquer combinação — mesmo aleatória — de letras ou caracteres liderados pelo símbolo # é uma hashtag, porque se trata justamente de uma formalização da linguagem de tal ordem que nenhuma semântica vem caracterizá-la como linguagem”.

pesquisarmos “#fiqueemcasaecantecomigo”<sup>4</sup> na plataforma aparece um acervo de aproximadamente 2.400 lives com uma multiplicidade de gêneros, porém nem todas possuem interpretação em Libras. Muitas lives também foram divulgadas como “#fiqueemcasa e cante #comigo”, o que fica difícil mapear, pois como possui espaço entre as palavras o algoritmo compreende como duas hashtags diferentes.

Com a popularização desta prática e em foco desta pesquisa, cabe neste espaço utilizar de imagens retiradas das *lives* musicais, publicadas no *YouTube*, para tornar visível e exemplificar a atuação neste contexto. Não é o objetivo deste estudo analisar o padrão das janelas de Libras, pois caberia um estudo específico para investigar esse assunto. Entretanto, adiante discutiremos sobre o corpo do intérprete como parte do enunciado e como isso se relaciona com sua prática, como um corpo vulnerável.

O intérprete em shows presenciais anteriormente se posicionava nas extremidades do palco, do lado direito ou esquerdo, e ficava visível apenas para o público que estivesse próximo. Já neste formato remoto ele é colocado na janela de Libras e fica na tela durante toda a apresentação musical. Por este motivo faz-se necessário visualizar como o intérprete se posiciona neste contexto, já que isto pode dramatizar sua prática.

Figura 1: *Live da Marília Mendonça*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=s-aScZtOfbM>

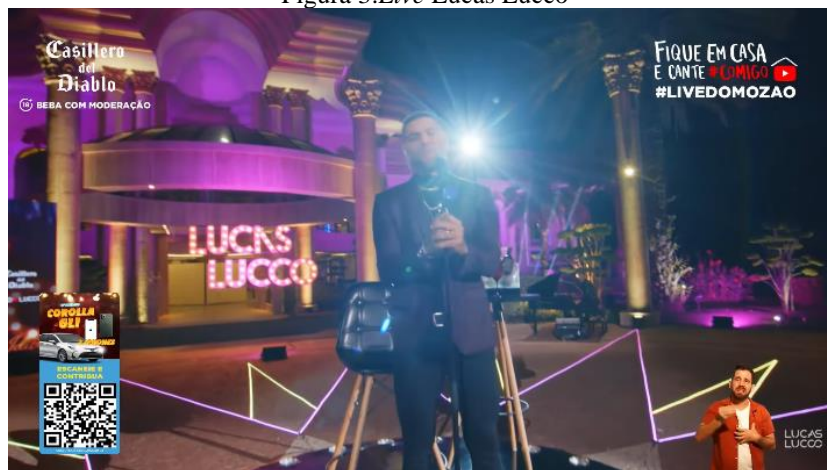
<sup>4</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/results?search\\_query=%23fiqueemcasaecantecomigo](https://www.youtube.com/results?search_query=%23fiqueemcasaecantecomigo)

Figura 2: Live “Aqui em Uberlândia”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=NNfIU9BqIu0>

Figura 3: Live Lucas Lucco



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=iS\\_aOgxJzHY](https://www.youtube.com/watch?v=iS_aOgxJzHY)

Adiante apresentaremos o arcabouço teórico-metodológico que permitiu compreender, a partir da análise do *corpus*, os desafios e as estratégias adotadas por estes profissionais frente ao novo cenário de interpretação remota.

## **2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Essa pesquisa se realizará a partir da triangulação teórica entre o pensamento bakhtiniano, ergologia e os estudos da tradução e interpretação de língua de sinais que descrevemos adiante.

### **2.1 O pensamento bakhtiniano**

Esta pesquisa apoia-se nos no pensamento do Círculo de Bakhtin que é constituído de intelectuais (artistas, cientistas etc.), que no início do século XX, em meio ao desestabilizado cenário político social da Rússia, dialogaram e exploraram diferentes maneiras de enfrentar e descrever a linguagem, a comunicação, as artes, a literatura e a poesia. Nessa perspectiva, respaldaremos nossa concepção de linguagem como um produto da atividade coletiva humana produzido na interação real e concreta entre sujeitos sociais, históricos e ideologicamente situados no tempo e no espaço (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006).

Cabe destacar que também nos basearemos nas discussões do Círculo a respeito da definição de língua que a vê como produto da atividade coletiva humana permeada de função social e de inseparabilidade de seu conteúdo ideológico. Nessa perspectiva, a língua é independente da consciência individual e está em constante evolução. Podemos, muitas vezes, não registrar todas as minuciosas mudanças ao decorrer do tempo, mas está em constante transfiguração.

Na verdade, se fizermos abstração da consciência individual e lançarmos sobre a língua um olhar verdadeiramente objetivo, um olhar, digamos, oblíquo, ou melhor, de cima, não encontraremos nenhum indício de um sistema de normas imutáveis. Pelo contrário, depararemos com a evolução ininterrupta das normas da língua. De um ponto de vista realmente objetivo, percebendo a língua de um modo completamente diferente daquele como ela parecia para um certo indivíduo, num dado momento de tempo, a língua apresenta-se como uma corrente evolutiva ininterrupta (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 1979. p. 76).

Uma das concepções que evidenciam essa cosmovisão sobre a linguagem é a de enunciado, descrito por Bakhtin como a unidade da comunicação discursiva. Sendo articulados por sujeitos dentro de uma esfera da atividade humana, configurando-se irrepitível, o enunciado nutre-se da língua para sua formulação. O enunciado pode ser somente citado, visto que é um evento único e cada enunciado constitui em acontecimento novo (BAKHTIN, 2003).

É válido afirmar que todo enunciado concreto é carregado de conteúdo ideológico porque, conforme afirma Bakhtin/Volochínov (2006, p. 96), “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. O enunciado, nesse sentido, carrega diferentes vozes resultantes de forças sociais ativas da cadeia ininterrupta de comunicação sociodiscursiva. Sendo assim, o enunciado é interligado às situações sociais em que está inserido e é produzido, já que, para o autor, a estrutura social afeta diretamente a linguagem e as interações discursivas considerando a consciência individual de cada falante como resultante de interconsciências dialógicas.

A forma linguística adotada pelo enunciado em uma situação dialógica é tão relevante quando o seu conteúdo carregado de significação. Porém vale lembrar que essa relação se dá entre dois indivíduos, um locutor e um receptor, e que não se tem controle sobre o efeito do enunciado frente ao receptor. A significação é coletiva e está relacionada ao tema, de modo que não se pode analisar separadamente (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006). O linguista ainda afirma que:

Assim, na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular. Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática linguística (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2006, p. 96)

Partindo destes conceitos iniciais, para Bakhtin a concepção de gênero se apresenta como sendo um fenômeno social de imensa riqueza. Ele se adapta conforme às necessidades comunicacionais do falante e é classificado de acordo com o uso da linguagem (primário e secundário). Os primários remetem as situações cotidianas comunicativas de caráter informal e espontâneo como, por exemplo, o diálogo cotidiano. Já os secundários aludem as situações complexas e institucionalizadas como, por exemplo, uma tese científica. Porém ambos são compostos por enunciados, a diferenciação se refere ao nível de complexibilidade comunicativa.

Quanto maior for o domínio do indivíduo sobre os gêneros maior será a capacidade de empregá-los usualmente (BAKHTIN, 2016). Em nossa sociedade moderna referenciamos o indivíduo com essa capacidade de diferenciar os diversos gêneros como sendo alguém que sabe “entrar e sair” de diversas situações e contextos discursivos.

O Círculo ainda considera o gênero como inacabado, visto que está em constante evolução e transformação. Sendo assim, um falante que compreenda essa dinâmica discursiva

é capaz de adequar sua fala com maior facilidade, principalmente no contexto de atividade de trabalho o que abordaremos nos próximos itens.

Dessa forma, cada consciência humana possui seus próprios gêneros interiores, percebe e conceitualiza a realidade de forma particular, dependendo, apenas, do seu desenvolvimento ideológico (BERMELHO, 2000. p. 193).

Outro conceito discutido e abordado por Bakhtin (2010) é o de alteridade que se organiza em torno dos centros de valores (eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim). Caracterizando a construção de valores socialmente ativos, indiferente da esfera da atividade humana, que se baseia nas relações sociais e fundamenta a constituição do sujeito. Como afirma Bakhtin/Volochínov (2006, p.341) “[...] o homem não tem um território inteiro e soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si, ele olha o outro nos olhos ou com os olhos do outro”. Em uma tradução interlingual, apesar de necessitarmos do outro para nos constituirmos não nos tornamos esse outro, não nos torna idênticos.

Ou seja, as diferentes formas de relação entre o eu e o outro e a apropriação da palavra alheia materializam-se em práticas discursivas, semiotizando os atos éticos e suas relações dialógicas e, nesse sentido, importa levar em conta que o “eu” que se movimenta em direção ao outro, é ele próprio constituído como sujeito a partir das relações que trava com palavras de autoridade ou persuasivas, as quais, sem dúvidas darão o tom, na apreciação do “outro” (OLIVEIRA, 2018, p.183)

As formulações do Círculo, dado o contexto interdisciplinar de sua constituição, permitem o diálogo com diferentes campos de estudo e abordagens haja vista que a concepção de linguagem abarca diferentes perspectivas. Como a que apresentaremos a seguir.

## **2.2 A Ergologia: relação homem-trabalho**

Em meados dos anos 1970, na França, surge a *Ergologia*, enquanto abordagem pluridisciplinar, que se baseia na relação homem-atividade de trabalho, da compreensão do ponto de vista daquele que trabalha. É quando se passa a estudar a atividade de trabalho e debater suas normas, com um olhar de dentro para fora possibilitando uma reflexão sobre a atividade em si. São os estudos dos saberes e valores produzidos sobre a própria atividade, do debate de valores. Sendo o conceito de valores compreendido na Ergologia como:

[...] peso que se atribui mais ou menos às coisas; uma hierarquia, uma categorização própria a cada um a propósito do que se estima, prefere, ou pelo contrário se negligencia, rejeita. Em certa medida, é a tentativa de cada um de ter uma mestria sobre o meio no qual se encontra (exemplo: um escritório personalizado). O indivíduo não inventa sozinho nem completamente os seus valores, mas retrabalha incessantemente os que o meio lhe propõe (DURRIVE e SCHWARTZ, 2008, p. 27).

Tais valores que moldam nossas escolhas diárias em diversas atividades, eles regem nossas escolhas conscientemente e inconscientemente e podem levar a renormalizações. Para Schwartz (2011), quando surge o desencontro entre os valores pessoais dos trabalhadores e os valores advindos das normas antecedentes, ocorre o debate de normas e conseqüentemente a renormalizações. Por isso, se faz fundamental explorar e compreender o trabalho a partir do saber investido, construído pela experiência, na prática, advindo das experiências individuais e coletivas, visto que, muitas vezes, implica em outras questões não abordadas nos saberes constituídos, apenas recorrentes de normas (SCHWARTZ, 2010).

Pierre Trinquet, ao ser entrevistado por Borges e Souza, em certo momento de seu discurso ao ser interrogado sobre a Ergologia e seus saberes, define o saber investido da seguinte forma:

Para a Ergologia, colocamos em marcha um saber pessoal, que é o resultado de nossa história individual, sempre singular, temos dito, adquirida em nossa própria experiência profissional e em outras (social, familiar, cultural, esportiva etc.) e que reenvia a nossos valores, nossa educação, ou seja, à nossa personalidade. É esse saber – que é um verdadeiro saber – que nós chamamos: o saber investido (BORGES. SOUZA. 2010, p. 152)

Se continuarmos a leitura, Trinquet também é interrogado sobre a definição de saberes constituídos, os saberes que definem a prescrição do trabalho. Ele também o chama de saber generalizado, como o que aprendemos nas universidades, se acontecer “isso” faça “isso”. Ele prossegue em sua definição:

Vejamos primeiro o que nós chamamos de saber constituído, porque é mais simples de explicar. É o que todo mundo chama de *o saber*, sem adjetivos ou, dito de outra maneira: o saber acadêmico. Ou seja, tudo que é conhecido, formalizado nos ensinamentos, nos livros, nos programas de computador, nas normas técnicas, organizacionais, econômicas etc. (BORGES, SOUZA. 2010. p. 153, grifo do autor).

O debate de normas nasce deste lugar do encontro, e de certa forma do “desencontro”, dos saberes investidos e constituídos. O saber investido, advindo da experiência e do intelecto do sujeito na relação corpo-si, se depara com os saberes constituídos, os saberes prescritos que aprendemos através de conceitos registrados, já que o trabalho não é somente uma prossecução contínua, mas uma constante reformulação sobre a atividade (BORGES; SOUZA. 2010)

A experiência, para Schwartz (2010), não tem limites e está sempre presente, não tem início e nem fim. E ela surge nos encontros entre aplicações de protocolos e a atividade e por seu caráter dramático da atividade surge a necessidade de renormalização em certas situações.

O autor defende que devemos nos apoiar sobre as normas prescritas anteriormente e dar novas normas baseados em nossas experiências particulares e subjetivas.

Não é verdadeiro apenas para atividades ditas manuais, mas igualmente nas relações de serviço: nas quais o corpo é implicado no trabalho, as posturas, a modulação da voz que fazem parte da maneira como a pessoa mobilizará esse patrimônio da história para tratar de tal ou qual maneira a pessoa que ela tem em face. É por isso que não sabemos quem faz experiência. Tenho uma expressão para designar esse enigma, *corpo-si* ou *pessoa-si*. Nisto que faz experiência, há história de nossos fracassos, nossos sofrimentos, nossos sucessos, nossos engajamentos com uns e outros, atravessados pelas nossas relações com os valores; e nosso corpo carrega essa história sem que nós a saibamos muito bem. É tudo isso que faz experiência (SCHWARTZ, 2010. p. 43, grifo do autor).

### **2.3. O profissional Tradutor e Intérprete e o uso de si**

Na profissão de tradutor e intérprete a dramática da atividade atravessa marcantemente se compararmos a outras profissões. Schwartz (1996) aborda, em seus textos, sobre o uso de si na atividade de trabalho, nós como seres humanos, somos uma unidade completa e inseparável. Não temos um corpo para trabalhar pela manhã e outro corpo para quando chegarmos em casa. Desse modo, o mesmo corpo se depara com diversas situações e ocasiões que muitas vezes atravessam valores, crenças e opiniões. O profissional mediador de língua de sinais está, de certa forma vulnerável, já que pelo caráter visual da língua, o corpo sempre estará em evidência. É neste contexto que a pesquisa busca abranger, dentre outros pontos, o uso de si e a dramática da atividade: a atuação profissional do intérprete de Libras nos meios midiáticos evidencia tal dramática devido ao acesso simultâneo de milhares de pessoas ao que está sendo produzido diante das câmeras.

Se admitimos que trabalhar é sempre gerir debates de normas articuladas sobre um mundo de valores, são escolhas a fazer: a segunda dificuldade de colocação em palavras é de falar de si no trabalho. Gerir o aspecto encontro de encontros é gerir aquilo que os outros não geriram antes de nós, e se você faz escolhas, forçosamente tem critérios a partir dos quais você faz essas escolhas. Trabalhar sobre essas escolhas é trabalhar sobre você mesmo. Não é em quaisquer circunstâncias que falamos de nós mesmos de maneira mais profunda. Toda atividade é sempre dramática do uso de si, uso de si por si e uso de si pelos outros. Essa dramática está longe de ser plenamente consciente, trata-se, então, de um trabalho sobre si mesmo: nós nos descobrimos aqui nos dois sentidos do termo, descobrimos a nós mesmos e nos descobrimos vis-a-vis dos outros (SCHWARTZ, 2010. p. 45)

Os conceitos bakhtinianos, citados anteriormente, relacionados com a ergologia dialogam com a prática da tradução e interpretação, já que, ao considerarmos cada indivíduo



como único e singular, suas vivências, ideologias, experiências e histórias refletirão em suas práticas profissionais. Para dar conta da especificidade dessa atividade, invocaremos formulações advindas da emergente área de Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (ETILS) que, conforme defendem Rodrigues e Beer (2015), se localizam e se singularizam em relação aos campos disciplinares Estudos da Tradução e Estudos da Interpretação ao mesmo tempo que são marcadas por uma interdisciplinaridade característica para pensar, dentre outros aspectos, as dimensões tradutórias e interpretativas a partir das diferenças de modalidade entre as línguas envolvidas nessas atividades.

#### **2.4. Estudos da Tradução e Interpretação da Língua de Sinais**

O campo de Estudos da Tradução é amplo e plural. Neste estudo nos preocupamos em apresentar somente o que será analisado, a relação dos estudos da tradução e interpretação da Libras-português e definir os conceitos que apoiarão nossa pesquisa como o de *interpretação interlíngua e intermodal*.

Pode-se dizer que a tradução é o termo geral que se refere a transformar um texto a partir uma língua fonte, por meio de vocalização, escrita ou sinalização, em outra língua meta. A diferenciação é feita, em um nível posterior de especialização, quando se considera a modalidade da língua para qual está sendo transformado o texto (PEREIRA, 2008, p.136)

E apesar de seu surgimento na antiguidade, atualmente a interpretação abrange diversas formas de interações como, por exemplo, a interpretação de teleconferências, mensagens de voz entre outros, que podem ser interpretadas assincronamente (PEREIRA, 2014).

Nessa perspectiva, considero a interpretação interlíngua, dentro das delimitações de meu estudo, como um fenômeno da tradução geral (língua A ↔ língua B), apresentado, em língua meta, na língua falada (oral, sinalizada ou tátil), com ou sem possibilidade de preparação e ensaio, no qual o corpo do intérprete é, além de meio de produção, a apresentação do produto (PEREIRA, 2014, p.39)

Sabemos que Libras é uma língua de modalidade gesto-visual que implica, do tradutor e do intérprete que com ela trabalha, competências específicas e aprimoradas para atuação. Compreendemos então a definição de modalidade linguística como os sistemas físicos e biológicos de transmissão dos quais a língua se manifesta, se realiza (McBURNEY, 2004). Trabalhar com duas línguas de modalidades diferentes exige muita preparação e impactam a formulação do processo tradutório e interpretativo com especificidades (QUADROS,

SOUZA, 2008; RODRIGUES, 2013; SEGALA, QUADROS, 2015). Ainda segundo Rodrigues (2018, p.311) a tradução intermodal “requer capacidade corporal cinestésica atrelada à competência linguística e a comunicativa”.

As propriedades gestuais, espaciais e visuais inerentes às línguas de sinais contribuem para a sinteticidade dessas línguas e oferecem, portanto, a possibilidade de exploração da simultaneidade na produção de sinais e sentenças, de uso estruturado do espaço para as relações sintáticas, de economia pelo não emprego de preposições, conjunções e artigos e de ampliação da densidade dos sinais (RODRIGUES, 2018. p 117).

Por se tratar de uma de modalidade visual-gestual os registros são realizados, em sua maioria, em vídeo, o que torna o profissional tradutor e intérprete ainda mais exposto e visível ao seu público e para Rodrigues (2018) isso pode fazer com que sejam vistos como autor do texto. O corpo do tradutor constitui o enunciado concreto, e diferente do processo tradutório em que é caracterizado pela revisitação ao texto, na interpretação simultânea interlíngua e intermodal ele está sujeito as suas escolhas interpretativas baseadas em sua experiência. Rodrigues (2018. p 120) define a interpretação simultânea como:

Em seu modo simultâneo, a interpretação caracteriza-se pela percepção da fala ou da sinalização na língua fonte simultaneamente à produção da fala ou da sinalização na língua alvo, sendo que há, muitas vezes, a premência de se iniciar o processo interpretativo antes de o enunciado na língua fonte estar completo. Considerando isso, definimos a interpretação simultânea intermodal como a realização, sob pressão de tempo, da translação da enunciação de um discurso de uma língua para outra e de uma modalidade para outra, sendo que o texto alvo deve ser oferecido obrigatória e imediatamente em sua versão final, ou seja, em sua primeira e única produção, segundo o tempo de oferecimento do texto fonte.

A partir da articulação entre essas três perspectivas teóricas observaremos a atividade de interpretação em *lives* musicais como atividades enunciativo-discursivas de caráter dialógico, cultural e artístico. Essa observação se dará por meio da análise de entrevistas com intérpretes de Libras que atuaram nesse gênero durante a pandemia de COVID-19, conforme será descrito na Metodologia a seguir.

### 3. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar conforme resolução nº 510 de 2016 e nº466 de 2012, sob o protocolo CAAE (46214921.8.0000.5504), (Anexo 1) e se caracteriza como de natureza qualitativa por ser um estudo de caráter analítico interpretativista. No modelo qualitativo a preocupação é com o aprofundamento da compreensão e não com a quantidade de dados, partindo de significações e relações humanas (MINAYO, 2001, p.21). Como instrumento de coleta de dados foram realizadas *entrevistas semiestruturadas*, pois, segundo Minayo (2001), por meio da fala individual a entrevista privilegia a qualidade das informações obtidas. Gil (2008, p. 109) também afirma que a entrevista é uma “forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. A escolha por um formato semiestruturado é justamente para permitir a possibilidade do participante e pesquisador discorrerem sobre o assunto pesquisado, explorando essas experiências vividas e permitindo respostas espontâneas com maior fluidez (TRIVIÑOS, 1987).

A elaboração das questões aplicadas na entrevista baseou-se nas informações levantadas nos pressupostos teóricos, e são formadas a partir de preocupações iniciais sobre a atuação nesta esfera em específico, sempre com um tema central norteando. As perguntas se referem tanto ao âmbito profissional (sobre a atuação em si) quanto ao âmbito pessoal (sobre a formação individual de cada participante). Campos (2018, p. 30) afirma que a durante a entrevista, como sujeito, o pesquisador coloca-se em relação dialógica, permitindo um encontro entre consciências responsáveis.

Considerando também que é a partir da entrevista com cada participante sobre sua atuação e perspectiva da atividade de trabalho é que conseguiremos reunir significativamente os enunciados de forma que consigamos nos aproximar da situação concreta vivida a partir da narrativa do sujeito nela envolvida (LIMA; ALMEIDA; LIMA; 1999).

#### 3.1. Metodologia de Coleta

Inicialmente pretendia-se constituir o *corpus* desta pesquisa com enunciados de profissionais de diferentes estados e lugares do Brasil, porém vivenciamos algumas dificuldades na seleção de participantes devido ao curto prazo para o desenvolvimento desta pesquisa. Os profissionais que aceitaram participar do estudo coincidentemente são residentes

do estado de Goiás e, por essa razão, cabe destacar que esta pesquisa é um recorte da realidade desta região. Compreendemos, nesse sentido, a expansão territorial do Brasil e a pluralidade de realidades existentes em outros estados na dinâmica de trabalho desse contexto, o que, certamente, há alterações.

O *corpus* desta pesquisa é formado por entrevistas com dois intérpretes, que atuaram no contexto predeterminado de *lives* musicais. O encontro se deu via *Google Meet*, respeitando assim as medidas de distanciamento social impostas como medidas protetivas à COVID-19 e preservando a saúde dos envolvidos, bem como as orientações do Ministério Público e da OMS. O trabalho debruça-se nas experiências pessoais e sociais dos envolvidos, e preocupa-se em compreendê-los. Não cabe nesta pesquisa o papel de julgar as escolhas realizadas no momento de atuação dos participantes, mas volta-se para sua alteridade e considera-se os elementos linguísticos e extralinguísticos dos enunciados durante as entrevistas (BAKHTIN, 2010).

Os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 2) autorizando a gravação da entrevista, bem como o uso da imagem e de suas identidades reais. A seguir um quadro contendo as informações básicas dos entrevistados.

Quadro 2: Identificação dos participantes

	E1	E2
Nome	Diego Barbosa	Gessilma Dias
Sexo	Masculino	Feminino
Idade	35 anos	47 anos
Local	Goiânia	Goiânia

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos participantes.

Como os entrevistados trabalham com duas línguas de modalidades diferentes (vocal-auditiva e gesto-visual) consideramos a possibilidade do uso das duas línguas simultaneamente, por meio do fenômeno da sobreposição de línguas (QUADROS, 2017) e da realização da citação intermodal (NASCIMENTO, 2016), para exemplificação de possíveis escolhas lexicais realizadas durante a interpretação das *lives*. Todavia, esses fenômenos não ocorreram e, apenas, foi percebido o uso de gesticulação durante o discurso em português, o que não julgamos relevante para esse estudo. Por isso, foi considerado apenas o áudio das entrevistas que foi transcrito segundo o modelo realizado no Projeto Norma Urbana Culta da

Cidade de São Paulo (Projeto NURC-SP), descrito por Preti (1993), conforme o exemplo a seguir:

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO <sup>5</sup>
Incompreensão de palavras e segmentos	( )	Do nível de renda..( ) Nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r )	:::podendo aumentar parar::: ou mais	Ao emprestarem os.. Éh:::.. o dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos..ou três razões... que fazem com que se retenha moeda...existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda _ _vamos dar essa notação_ _ demanda de moeda por motivo
Indicação que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ “	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”..

Quadro 3: proposta de transcrição do Projeto Nurc (PRETI, 1993)

### 3.3. Metodologia de Análise

Campos (2018, p. 56), em sua pesquisa de doutorado considerou a entrevista “[...] como um enunciado produzido a partir da interação provocada pelo pesquisador por meio de perguntas semiestruturadas, voltadas à investigação de dados pessoais, da expressão de sua identidade”. A metodologia de análise seguirá a proposta de Campos (2018) que, calcada na perspectiva bakhtiniana, propôs uma análise que cruza as dimensões *vertical*, da singularidade, e *horizontal*, da generalidade em *corpus* provenientes de entrevistas, grupos focais e outros *corpora* construídos na interação direta entre pesquisador e sujeito de pesquisa.

Assim, serão entendidas como enunciado único, em um primeiro momento da análise, as entrevistas individuais com um só sujeito: a entrevista individual, nesse caso, é considerada um ato-evento único, em que se colocam em contato os centros de valor do pesquisador, do sujeito entrevistador e do sujeito entrevistado. Em

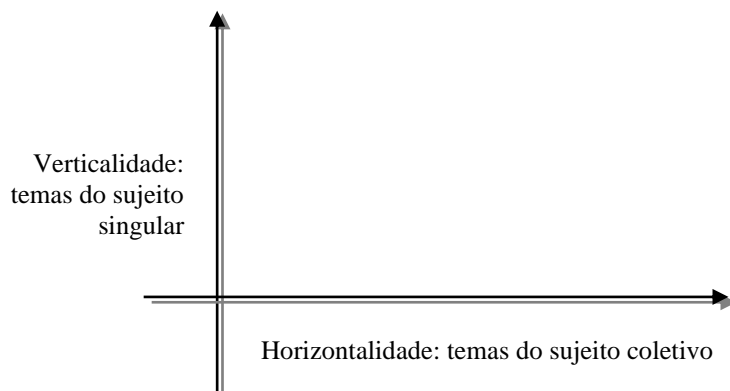
<sup>5</sup> Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP n° 338 EF e 331 D<sup>2</sup>.

seguida, será entendido desse modo o conjunto das entrevistas num esforço de responder às questões dessa pesquisa a partir da análise da interação com um sujeito coletivo (CAMPOS, 2018, p.50)

Com essa proposta, nos atentamos em observar e analisar as informações obtidas na *verticalidade*, observando-as como enunciados concretos produzidos por sujeitos singulares que narram suas experiências a partir de lugares sócio-históricos específicos. Nesse movimento, se buscará os temas apresentados pelos entrevistados a partir da entrevista semiestruturada. Nesta singularidade, o esforço se dará para compreender seu enunciado único carregado de vivências, histórias, experiências que atravessam ou não esse corpo, como ele se vê nesse contexto e como ele observa a atividade de trabalho. De uma perspectiva ergológica do sujeito sobre sua prática, sobre a sua atividade de trabalho.

Em um segundo momento, a análise se direcionará para a *horizontalidade* procurando compreender os desafios em comum neste campo de atuação. Aqui, os temas serão construídos pelo pesquisador que, a partir do seu posicionamento exotópico de leitura desse *corpus* enquanto unidades de sentido, estabelecerá relações dialógicas entre as entrevistas buscando compreender o contexto de atuação e como a atividade de trabalho se apresenta e desenvolve. Cabe destacar, como mencionado anteriormente, que o recorte regional é importante para compreender a atividade de trabalho naquela região específica, Goiânia. E frente a esta delimitação, não é possível tornar os resultados e análises obtidas como uma realidade nacional, visto a dimensão geográfica e a pluridade cultural brasileira. Como afirmou Campos (2018, p. 68), “na horizontalidade, o trabalho observa como o sujeito coletivo constrói os temas definidos pelo pesquisador e manifestos nas questões que guiara as entrevistas”. Como demonstrado abaixo:

Quadro 4: Representação da metodologia proposta por Campos (2018)



Fonte: Elaborado pela autora com base na metodologia de Campos (2018, s/p)

## 4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

### 4.1. Análise da verticalidade

Inicialmente teremos a análise vertical das 2 entrevistas, observando como o sujeito responde às perguntas feitas pelo pesquisador. Em seguida a análise horizontal, onde se busca a possibilidade de generalização nas análises das narrativas. Como afirma Campos (2021, p.4), na verticalidade se “examina a materialidade sígnica, textual e discursiva, linguística e extralinguística, e tem como objetivo identificar o projeto enunciativo-discursivo de cada sujeito entrevistado. Para isso, a análise observa como cada sujeito constrói seu tema”.

#### 4.1.1. Entrevistado 1.

As perguntas foram formuladas de modo a aprofundar as informações e explorar o tema proposto. A entrevista foi realizada no dia 28 do mês de junho de 2021, por meio da plataforma *Google meet*.

O pesquisador apresenta o objetivo de seu estudo e começa questionando sobre a formação pessoal do sujeito. Em um primeiro momento recebe como resposta do entrevistando:

E: Então ok. Na época eu fazia parte da comunidade surda né::: Eu fazia trabalho de interpretação já. Mas, não oficialmente era assim.. eu trabalhava, mas:: não recebia pra isso. Então...na época eu fazia só esse tipo de trabalho. Em 2006 eu fiz o PROLIBRAS e comecei a atuar como intérprete, oficialmente eu digo né, porque ai comecei a receber::: eu tinha um outro trabalho e sai para começar a atuar só como intérprete. E ai nessa época\_\_porque que to falando isso?\_\_ Porque nessa época fiz meu primeiro curso de formação de intérprete. Que eu morava em Minas... no estado de Minas Gerais, e lá todo ano o CAS levava todos os intérpretes do estado:: para Belo Horizonte e a gente ficava uma semana tendo formação de intérpretes. E ai a gente tinha formação mesmo, então a minha formação para interpretação era essa. Então, até então eu tinha... cursos de Libras. Né então, aí eu comecei a atuar...não profissionalmente, era mais informal. Então essa...é a formação.

Nesta pergunta podemos compreender um pouco mais sobre a trajetória individual do participante. Assim como a maioria dos intérpretes atuantes, a formação se deu por meio da convivência com a comunidade surda, de forma voluntária como mencionado pelo entrevistando: “ eu trabalhava, mas::: não recebia pra isso”. Ele menciona também que em 2006 realizou o PROLIBRAS (Exame Nacional de Proficiência em Libras) e que a partir desta certificação começou sua atuação como intérprete “oficialmente”. Essa prova de

proficiência aconteceu entre 2005 e 2015, como garantia do Decreto nº5.626/05. Com objetivo de “ampliar a formação de profissionais e de avaliar o uso e o conhecimento da Libras por surdos e ouvintes” (CLAUDIO, 2010. p. 15). Lacerda (2010, p. 141-142) referente ao PROLIBRAS afirma que:

Uma vez certificada, a pessoa pode atuar como TILS em qualquer área e, tendo formação em nível superior, poderá exercer sua função em todos os níveis de ensino e, com formação em nível médio, atuará apenas na Educação Básica. Não há qualquer atenção para as competências nas diferentes áreas de conhecimento, nem sobre os diferentes campos (área jurídica, de saúde, eventos científicos e etc). A criação deste exame nacional, previsto para vigorar até que ocorra formação específica para os profissionais TILS em nível superior, é um modo de reconhecer aqueles que já atuavam nessa função, além de rapidamente certificar profissionais para oferecer ao mercado, que, com a vigência do próprio decreto, demandava com urgência TILS para atuarem nas salas de aula.

O Decreto estabeleceu que:

Art. 7º Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja docente com título de pós-graduação ou de graduação em Libras para o ensino dessa disciplina em cursos de educação superior, ela poderá ser ministrada por profissionais que apresentem pelo menos um dos seguintes perfis: I - professor de Libras, usuário dessa língua com curso de pós-graduação ou com formação superior e certificado de proficiência em Libras, obtido por meio de exame promovido pelo Ministério da Educação; II - instrutor de Libras, usuário dessa língua com formação de nível médio e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação; III - professor ouvinte bilíngue: Libras - Língua Portuguesa, com pós-graduação ou formação superior e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação. § 1º Nos casos previstos nos incisos I e II, as pessoas surdas terão prioridade para ministrar a disciplina de Libras. § 2º A partir de um ano da publicação deste Decreto, os sistemas e as instituições de ensino da educação básica e as de educação superior devem incluir o professor de Libras em seu quadro do magistério. Art. 8º O exame de proficiência em Libras, referido no art. 7º, deve avaliar a fluência no uso, o conhecimento e a competência para o ensino dessa língua. § 1º O exame de proficiência em Libras deve ser promovido, anualmente, pelo Ministério da Educação e instituições de educação superior por ele credenciadas para essa finalidade. § 2º A certificação de proficiência em Libras habilitará o instrutor ou o professor para a função docente. § 3º O exame de proficiência em Libras deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento em Libras, constituída por docentes surdos e linguistas de instituições de educação superior

A próxima pergunta, ainda sobre sua formação, se referiu a sua experiência em atuação. Se na maioria das vezes se dava na esfera comunitária ou de conferência. A resposta obtida foi a seguinte:

E: Sim... eu já atuei em muitas:: áreas... muitas... Já atuei muito na educação e eu trabalhei em uma universidade, na UFSC, e dentro da universidade a gente atuava em diferentes contextos né? Então já cheguei atuar no HU...na sala de aula, conferência, já fiz interpretação em cirurgia, já:: fiz interpretação na igreja. Então assim...contexto são... múltiplos.



P: Todos.

E: É::: são bastante contextos. Mas o que mais atuei é::: o comunitário né? Que é a parte da educação mesmo, por mais tempo. O de conferência a gente faz a atuação, mas é...pouco tempo né, então acontece um congresso.. Hoje em dia eu trabalho na TV UFG também, porque tenho um projeto com eles, e::: no meu ponto de vista a interpretação na televisão é um tipo de interpretação de conferência. Então..já atuei em bastantes contextos.

Pelo relato podemos ter um panorama geral de todas as áreas que o sujeito já trabalhou como Intérprete, sendo destacado por ele o contexto comunitário, tendo como foco a área educacional. É relevante mencionar que o entrevistando possui formação a nível de pós-graduação: mestrado e doutorado nos Estudos da Tradução.

Neste segundo momento da entrevista o foco se deu na interpretação remota, seus desafios, o uso da tecnologia e a adaptação a este contexto. A pergunta feita pelo pesquisador foi: “qual o contexto que você vem atuando ultimamente neste cenário pandêmico?”. Pois considera-se que muitas atividades feitas presencialmente foram canceladas por recomendação dos profissionais da saúde.

E: Então, no início...(tossiu) é.. acho que foram 3 principais momentos né da pandemia...falando profissionalmente. O primeiro momento foi esse projeto que tenho com a TV UFG, a gente se reuniu e decidiu fazer algo...pra levar informações até o surdo né? Então aí::: a gente, a TV produziu várias vinhetas, vários...vídeos curtos. E eu fazia a tradução destes vídeos, de casa mesmo, mandava pra eles e eles faziam a edição e publicava. Esse foi o primeiro momento, fiz bastante isso lá no início. Aí veio as *lives*, comecei a atuar bastante nas *lives*, e depois deu uma parada. Os artistas pararam de..contratar né? E aí...entre o final das *lives* e até o momento atual é mais o contexto de conferências, mais palestras::: que a gente é convidado a trabalhar. Então são esses 3 momentos e esses 3 contextos principais que...atuei.

Ele dividiu a resposta em três momentos, sendo que inicialmente o contexto que mais atuou foram os das *lives* e atualmente o contexto de conferência. Justificando essa troca como uma quebra na contratação, o que abordará em um momento posterior. Logo em seguida é comentado sobre o uso das tecnologias na realidade de interação remota, onde as atividades feitas presencialmente mudaram seu formato, o que nos obrigou a usar *softwares*, plataformas e sites desconhecidos.

P: Beleza, e pra você como foi a adaptação para este cenário de tecnologia? Eu mesma fico perdida, para gravar tive que pesquisar como que gravava a tela, pois é algo muito novo né!

E: Sim! Pegou todo mundo de surpresa. Exatamente.

P: De surpresa.

E: É.. então, foi realmente uma surpresa, eu lidava com a tecnologia, mas::: tinha muita ferramenta que eu não conhecia e até... equipamentos para a casa. A gente tava acostumado a ter o estúdio lá da universidade pra gravar, quando precisava de

alguma coisa ia na TV e gravava. Quando precisava de alguma edição eu mandava, ia lá com os meninos da TV e pedia. Então material em casa não tinha nada. E::: a própria tecnologia mesmo né? Os *Software*, todos estes programas, então tinha\_\_ainda tem né?\_\_ Muita coisa que não está...na perspectiva de nos atender né, os interpretes de língua de sinais, e eu continuo aprendendo. Como gerenciar todas as ferramentas, como se portar, qual o comportamento adequado:::nessas plataformas, como se identificar.. Enfim, eu acho, eu acho não. Uma das coisas que foi muito positivo foi a visibilidade né? Então assim, os intérpretes de língua de sinais ganharam muita visibilidade, aqui na universidade também..então assim, em todas as *lives* eles estão pedindo. Por exemplo vai acontecer um evento, acho que na semana que vem, sobre botânica. Por estar na internet o pessoal quer colocar intérprete. Mas não temos mão de obra para atender tanta gente. Então na tecnologia a gente continua aprendendo e tem muita coisa pra aprender e:::para nos ajudar também. A gente aprendeu muita coisa legal que vai nos ajudar, eu acredito.

Analisando sua resposta podemos perceber essa mudança da atividade de trabalho na linha de tempo. Ele cita que sempre recorria a infraestrutura da TV UFG<sup>6</sup> em que trabalhava e aos estúdios de gravação, equipados com fundo verde entre outras ferramentas. E que posterior a isso, com a chegada da pandemia e a impossibilidade de uso destes recursos, viu-se obrigado a adaptar-se. Também é importante fazer um recorte do momento em que ele fala: “Muita coisa que não está...na perspectiva de nos atender né, os intérpretes de língua de sinais, e eu continuo aprendendo”. Não é objetivo deste estudo eleger a melhor plataforma ou *software* para a atuação do intérprete de Libras, precisaria de uma pesquisa voltada somente para este tema de tão amplo que é. Porém, como dito pelo intérprete, muitas plataformas não são pensadas para o uso de uma língua de modalidade visual-gestual e pode muitas das vezes apresentar mais desafios do que resoluções. O outro ponto fundamental que apresenta em seu discurso é sobre a visibilidade que o intérprete de Libras, como categoria, e também a comunidade surda conquistou neste meio remoto. O que foi aprofundado em seguida:

P: Eu ia até perguntar isso depois, pra você qual é a importância que tem a nossa profissão nesta esfera de entretenimento? Por dar esta visibilidade.

E: Sim, eu acho que é muito importante, logicamente, a comunidade surda ter a opção de eu quero assistir ou não quero assistir. Eu acho muito importante...no início foi mais aquele negócio de::: todo mundo queria, queria colocar o intérprete. Principalmente no entretenimento. Pois aquele momento a gente não sabia nada, e a única ordem era fiquem em casa. Mas a comunidade surda acabou dando um jeitinho depois, acabaram::: se encontrando, saindo de casa mesmo:::. Mas, para aquele...momento inicial foi muito importante, não só para a comunidade surda né. Eu acho que o... ponto principal deste movimento todo, deste período que a gente passou foi mais a questão de marcar um espaço, conquistar um espaço, visibilidade. Então foi::: muito importante para a comunidade surda, não digo nem para os intérpretes, mas para a comunidade surda. De marcar este espaço e ter esse espaço ali. Por mais que ele não seja garantido..., que foi o que aconteceu, passou o momento, passou a onda e o pessoal “não vamos contratar mais”. Infelizmente né, mas... acho que a gente tem que continuar tentando conquistar este espaço de fato.

---

<sup>6</sup> Disponível em : < <http://www.tvufg.org.br/>>

De fato, houve uma procura maior e uma preocupação na contratação de intérpretes no momento inicial da pandemia de COVID-19. O que foi fundamental para a categoria e para a comunidade surda. Ele em sua resposta menciona “sim, eu acho que é muito importante, logicamente, a comunidade surda ter a opção de eu quero assistir ou não quero assistir”. Essa fala ressalta a ideia de que a acessibilidade precisa estar nos lugares antes dos surdos, para ele ter essa opção. E não o surdo chegar primeiro e precisar solicitar a presença de um mediador. Aquele espaço já é do sujeito surdo por direito legal. Bakhtin/Volochínov (2006) ao falar sobre a enunciação menciona que sempre há um interlocutor presumido e, por isso, o locutor se exprime para este interlocutor. O autor afirma que “há sempre um interlocutor, ao menos potencial” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006. p. 17). Quando não se tem a preocupação de fornecer um conteúdo acessível em língua de sinais consequentemente tem-se uma compreensão de que o surdo não é visto como um interlocutor em potencial. Infelizmente o entrevistado menciona a diminuição da procura por parte do contratante, o que reafirma o pensamento de que ainda não houve, infelizmente, uma compreensão sobre a importância do serviço e da presença dos intérpretes nesses ambientes.

P: A próxima é: quais os saberes que você julga necessário para atuar neste contexto musical?

E: Que são as *lives*. Sim. Então... eu julgo necessários vários. O primeiro é negociação, acho que a gente precisa saber negociar, saber vender nosso trabalho, porque é um::: espaço totalmente novo e os profissionais que estão ali querem::: de alguma forma..

P: Baratear.

E: Economizar, eles querem de alguma forma... só cumprir o papel de “eu tenho o intérprete” pronto, acabou. E isso acaba prejudicando nosso trabalho. Porque eu participei de algumas *lives* que a gente não recebeu material nenhum..., a *live* acontecia as 19h da noite, eles confirmaram as 17h. A gente não recebeu o material, simples assim. Falaram não, a gente não vai mandar nenhum material. E vem aquele dilema... assumir ou não assumir esse tipo de trabalho. Não assumo, e aí, ponto... não vai ter interpretação de forma alguma. Ou assumo sabendo dos riscos, é a sua imagem, não teve preparação, você pode... você pode não, vão acontecer muitos equívocos, muitos erros que podem te prejudicar em algum momento. E você tem que ponderar tudo isso. Esse é um... a negociação acho que é muito importante, uma formação específica na área, eu acho que é muito importante... Atualmente as formações para tradução e interpretação são gerais. Acho que todos os cursos são assim, não julgo nem condeno. De falar “o curso de tradução e interpretação da UFG é geral”, sim, qualquer curso vai ser geral. O curso de graduação te abre as portas e você tem que::: ter afinidade com algum contexto e ir atrás desse contexto para se especializar. Então uma formação específica é muito importante para este tipo de atuação.. Deixa eu ver o que mais, deixa eu pensar.. Uma formação específica, uma competência para você negociar e saber vender seu trabalho... é importante. Essa negociação engloba muita coisa, essa competência para negociar e vender seu trabalho, engloba muita coisa. Desde o valor até as condições de trabalho, acho que esta competência... tem muita coisa nela. Seriam essas duas principais.

No começo da fala ele cita sobre a ideia de “eu tenho o intérprete” que muitas das vezes é pensada pelo contratante como se fosse a solução naquele momento. E falta a compreensão do papel do intérprete naquele lugar, e as questões sobre trabalho em equipe, a importância do apoio e de ter acesso prévio ao material não são claras ao contratante. Por ser uma profissão “nova”, em termos de regulamentação, cabe ao intérprete trazer essa fala ao contratante. Buscando assim como categoria a valorização do serviço. Ele menciona essa competência como “negociação”. Em seu enunciado, ao analisarmos por uma lente ergológica percebemos o debate de valores no momento em que ao não receber o material prévio ele se depara com a seguinte problemática: por não ter a oportunidade de preparação recusa esse serviço e privo o surdo do acesso aquele conteúdo ou aceito e coloco o meu eu, o *corpo-si*, em uma posição de exposição e de possíveis críticas por causa da falta de preparação. Schwartz (2004, p. 41-42) quando fala sobre a dramática na atividade de trabalho menciona sobre a “articulação dos usos de si por ‘outros’ e ‘por si’”. É sobre a negociação singular que fazemos frente a situações, como mencionadas acima pelo entrevistado,

E o segundo saber que o entrevistado julga necessário é a formação específica na área. Rodrigues (2018) apresenta uma análise sobre os 8 cursos de formação em nível superior de tradutores e intérpretes de Libras no Brasil e afirma que:

Portanto, fica claro que a formação proposta, em todos os cursos, não tem como ir além da formação de um profissional generalista que, nesse caso, tem como foco central a tradução e a interpretação de Libras-Português (RODRIGUES, 2018. p. 207)

Esclarecemos que, embora as ideias aqui apresentadas possam ser aplicadas a qualquer nível de ensino, estamos pensando em uma formação que ocorre na graduação e, conseqüentemente, entendendo esse perfil profissional como direcionado a um tradutor e intérprete intermodal generalista, o qual tenha condições de buscar sua especialização em outros níveis de ensino, quando assim o desejar ou se fizer necessário, mantendo de maneira autônoma e contínua sua atualização profissional (RODRIGUES, 2018. p. 215)

A busca por uma formação específica e continuada é fundamental para a especialização do tradutor e intérprete na área que deseja atuar (ALBRES, 2020) seja em contexto jurídico, hospitalar, educacional, artístico, midiático, entre outras áreas. É nesse ambiente de especialização que ele desenvolverá as competências necessárias de atuação para aquele determinado contexto. Ao ser questionado ao entrevistado se já teria vivenciado outras situações de interpretação musical antes do contexto atual a resposta foi:

E: Sim. Então, eu vivenciei... Acho que uns 2 anos antes, 1 ano e meio antes eu fiz a::: gravação de um DVD de um artista..., se não me engano foi o primeiro DVD que teve em Língua de Sinais. Mas a gente passou por basicamente as mesmas coisas, como era um DVD inédito as músicas não puderam ser compartilhadas com a gente, então não tivemos acesso as músicas, não conseguimos trabalhar em equipe... Outra questão que é interessante::: e ao mesmo tempo prejudica nosso trabalho é que geralmente..., por exemplo no meu caso, quem foi contratado não fui eu, não era meu cliente. A produtora entrou em contato com outra pessoa e essa pessoa me chamou. E nisso..., não ter um contato direto com os responsáveis prejudica um pouco. Essa pessoa que me chamou para trabalhar, me convidou para fazer parte do trabalho, ela não tinha tanto conhecimento... de como desenvolvia o trabalho e tudo mais. Mas tive essa experiência a dois anos atrás na gravação do DVD, mas foi basicamente a mesma situação. Não::: conhecíamos as letras, porque como eram músicas inéditas não podiam compartilhar e tudo mais.. Foi mais ou menos isso.

Outra questão importante apresentada por ele, ainda sobre a contratação, foi a falta de contato direto com a produtora e a terceirização, que causa uma lacuna entre contratante e intérprete, dificultando o acordo entre as partes. Em sua resposta também podemos perceber a mesma situação mencionada anteriormente, a falta de acesso prévio ao material para a preparação. Por ser considerado um material “inédito e exclusivo” foi negado o estudo prévio e a tradução das letras. Ora, trago neste momento um questionamento, em outras profissões em que o sigilo é solicitado é necessário fazer uso de uma cláusula de confidencialidade em seu contrato, pois é assegurado por lei e a quebra do sigilo se configura um delito conforme o art. 154 do Código Penal<sup>7</sup>: “Revelar alguém, sem justa causa, segredo, de que tem ciência em razão de função, ministério, ofício ou profissão, e cuja revelação possa produzir dano a alguém”. O questionamento é: como os profissionais tradutores e intérpretes estão firmando seus contratos de serviço?

P: Você já falou um pouco e queria te perguntar mais, sobre como é esse processo de contratação?

E: No meu caso, eu nunca intermediei uma::: contratação, acho que... minto, não. Teve acho que uma situação que eu consegui fazer essa intermediação. Mas a maioria das vezes foi por uma terceira pessoa, essa pessoa tinha uma empresa e por ter a empresa e os contatos, tudo mais, ela.. era contratada. Então era esse processo de contratar essa pessoa representando essa empresa e ela chamava a gente pra::: atuar, sempre foi assim. Eu nunca consegui, fora essa vez, um contato direto com a produção. E era sempre pela produção, não era direto com o artista. Muitas pessoas acham que não, nossa você ta fazendo a *live* do fulano e conversou com ele... Não, tinha artista que a gente nem chegava perto, não conseguia nem cumprimentar. Mas tiveram algumas situações que o artista dava uma moralzinha pra gente. Tinha um artista o Lucas Lucco, ele::: já vem trabalhando .. O DVD que falei que a gente gravou a 2 anos atrás da pandemia foi dele. Então ele já vem tentando colocar sempre que possível e tudo mais. Só que as vezes::: a produção ficava responsável, então ele não sabia dos tramits e da negociação, mas ele sempre conversava com a gente, queria saber mais, e tudo mais. Mas sempre nesse sentido de uma terceira pessoa contratar a gente.

---

<sup>7</sup> Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm) >

P: E na maioria das vezes, você precisa ir até o local ou faz em casa?

E: Nas *lives* todas as vezes eu fui no local.

Quando questionado sobre o processo de preparação antes da atuação em *lives* musicais a resposta foi:

P: E como é esse processo de preparação antes do evento. Como você se prepara para o evento?

E: Então tiveram.. Eu fiz algumas né, algumas *lives*. E em algumas a gente não teve preparação, porque:: simplesmente não sabia quais seriam as músicas, a gente não recebeu o repertório, não recebeu material nenhum e não teve como se preparar. Em algumas a gente conseguiu uma:: condição de trabalho melhor e aí recebemos o repertório. Engraçado que, tiveram algumas que recebemos o repertório de 70, 80 músicas mais ou menos e falaram “olha, eles vão tocar algumas destas”. E isso com 2 dias de antecedência, 3 dias. Então a nossa preparação era no sentido de.... são essas as músicas, a principal música desse artista a gente ia atrás, se reunia virtualmente para discutir alguns trechos. E depois de alguns meses de experiência a gente começou a dividir pelo perfil nosso né. Tinha um Intérprete que tinha um perfil... conhecia mais sobre literatura, tinha uma formação específica. Foi quando a gente convidou, conseguiu convidar, porque a gente teve que lutar pra conseguir ter mais uma pessoa na equipe. Que a gente convidou uma professora surda daqui, e ela tinha esse perfil mais pra:: literatura. Então alguma música a gente conseguiu fazer essa divisão e aí, deixava cada um meio que responsável de estudar essas letras, essas músicas. E aí a gente se reunia para discutir a melhor forma de produzir e meio que deixava responsável, o que acha de fazer “assim, assim assado” de como produzir essa letra, como traduzir essa letra. Só que tinha algumas que a gente conseguia fazer isso, só que era 80 músicas digamos que a gente estudava metade delas, e aí na hora a pessoa ia e cantava a metade que a gente não tinha estudado e aí::: atrapalhava todo o planejamento. Mas era basicamente isso a gente dividia, quando recebia o repertório... a gente conseguia dividir essas letras. E quando não recebia ia meio pelo artista, há esse artista canta isso, são essas as músicas principais dele, pelo menos essas a gente acha que vai tocar, então vamos estudar elas.

O processo de preparação é fundamental e contribui no processo interpretativo, com o acesso prévios as informações podemos nos munir e estar pronto para aquele momento. É claro que não se tem controle total, é imprevisível para o intérprete as escolhas que o palestrante, ou neste contexto de estudo o cantor, tomará em determinados momentos. Mas com a preparação consegue-se mapear, mesmo que minimamente, esse campo. Nogueira (2016, p. 113) define a preparação como “a fase de busca por materiais de estudo, relacionados a determinado contexto interpretativo”. O entrevistado nos mostra uma realidade marcante, muita das vezes não tem acesso ao conteúdo prévio e quando tem é com um prazo muito apertado e um volume grande para estudar todos os pontos.

Nesse momento ele é atravessado por seus valores: o que fazer frente a tanto material em pouco tempo? A decisão de dividir por perfil de cada intérprete que atuará é uma forma de aproximar esse material de seu tradutor. E a estratégia mencionada por ele para quando não se tem esse acesso prévio é de pesquisar sobre o artista, qual o contexto dele, qual o estilo musical dele, quais as principais músicas dele, do que ele fala, o que ele defende? Podendo assim se preparar mesmo que minimamente para aquela situação.

P: Eu queria saber como você lida com os *memes*, pois é uma área que qualquer coisa que fizer vai parar na internet. E qual é sua visão sobre isso?

E: Sim. Então, no começo você assusta, dá uma assustada, mas... depois você tenta levar de uma forma mais tranquila. Acho que o problema nem são os *memes*, mas a repercussão do:: produto final. Porque quem assiste tá vendo só a interpretação, mas não sabe de todo o processo, não sabe o que está acontecendo durante a interpretação. Então eu acho que a repercussão do produto final é um pouco mais pesada, pois as pessoas estão julgando somente aquele trecho..., só aquilo que estão recebendo naquele momento e não sabem do que acontece nos bastidores. Por exemplo, tiveram algumas lives que o som sumia, não tinha retorno nenhum. Outras tivemos que gravar e não tinha nem um espaço atrás, era uma cortina:: e atrapalhava. Enfim, é isso tudo. Mas os *memes* no começo a gente assusta, e depois comecei a levar na esportiva. Tiveram algum que eu falei “melhor eu nem olhar, deixa quieto”. Mas acaba recendo de tudo quanto é canto.

P: Principalmente por causa dos gêneros musicais, se fizer uma *live* de funk o pessoal vai recortar muito mais, por causa do gênero em si e da visualidade.

E: Tinha situações muitos inusitadas, tinham momentos que... Teve uma *live*, que chegou o momento do show e o cara fez um solo na viola e não tinha como eu sair da tela. E era só a viola, não tinha mais nada, foram uns 3 ou 4 minutos ele fazendo isso. E eu tinha que ficar na tela, não tinha como sair naquele momento. E ai::: você fica meio constrangido, eu continuo na tela e ele só solando, eu tentava interagir com... o que ele tava fazendo. Quando ele começava a solar ficava olhando pra cima admirando o que ele estava fazendo e tal, falava que era um solo e dava algumas informações adicionais. E depois tinha certeza que iria virar *meme*, então aquele momento você já tinha certeza disso.

Segundo Souza (2013, p.129), o “*meme*”, dentro da cibercultura, é utilizado “para se referir a tudo que se propaga, ou mesmo se espalha aleatoriamente na Grande Rede – em especial – fragmentos com algum conteúdo humorístico”. Pelo caráter visual do trabalho do intérprete de Libras o corpo está em exposição a milhares de acessos virtuais, neste contexto de pesquisa. A maioria das pessoas não tem conhecimento sobre a estrutura das Línguas de Sinais, sua fonologia, sua gramática, espacialidade e uso de expressões não manuais.

Grande parte da sociedade desconhece o que é a cultura surda, apenas sabem que os surdos existem e se comunicam por meio de sinais, desse modo é possível afirmar que a sociedade não se interessa por essa cultura. É sabido que a comunidade surda vem lutando cada vez mais para conquistar seu espaço na sociedade. É um trabalho árduo que requer muito esforço e perseverança e que também conta com ajuda de ouvintes e tradutores intérpretes de Língua de Sinais. (SILVA; FAGUNDES; 2015, p. 3).

E como o entrevistado pontou: quem está no papel de receptor, não consegue compreender todos os processos envolvidos e a própria estrutura da língua de sinais. Outro ponto apresentado foi referente à alguns problemas técnicos, que para quem está somente assistindo em sua casa não faz ideia da situação real. E por não obtermos controle da situação real vivida no momento de interpretação, como falhas técnicas, falas do palestrante ou

artistas, entre outros, o intérprete de Libras precisa lidar com mais uma questão: os imprevistos.

P: E como lidar com imprevistos, igual esse do solo em que você pensa “o que fazer neste momento”?

E: Exatamente.... Aconteceram vários imprevistos, esse foi um deles. Mas a gente tentava, quando a gente trabalhava em 3 ou 4 pessoas a gente tentava deixar uma dessas pessoas mais responsável por questões técnicas sabe? Então... eu estava atuando:: na frente da câmera, tinha o intérprete de apoio e tinha um terceiro que ficava ligado mais nessas situações. A deu algum problema vou correr ali, a gente sumiu... Tinha momentos que não tínhamos retorno visual, mas tinha televisões por perto, então tipo eu via “o Diego tá ali, deixa eu correr pra ver se ele está na tela certinho!”. Mas estes imprevistos tinha momentos que dava pra resolver... e outros passava constrangimento. Nesse eu fiquei todo sem jeito, por que não tinha o que fazer, era aquele momento ali. E foi bastante tempo, ele fazia um solo para representar... cada país. Um solo para representar a música da Espanha, um solo para a música Uruguaia... E eu só falava que era a música típica de cada país e ficava admirando ele tocar. Essa foi uma situação que marcou bastante, pois fiquei muito tempo na tela e fiquei muito sem jeito. Deixa eu pensar em outra situação... pensando sobre imprevisto.....Teve uma situação que foi uma música que a gente não sabia que ia tocar e não entendemos nada da música. A gente pegava trechos soltos, a pessoa que estava cantando era muito rápida, e era uma música de um certo local com termos específicos daquele local. Então... a gente tentou passar essas informações que a gente conseguiu captar durante a música e só. Querendo ou não isso te afeta durante o trabalho, porque você não está realizando o trabalho como deveria né... Você precisa passar aquela informação e não está conseguindo, fica angustiada né? Eu tentei perguntar se alguém estava entendendo para me substituir. Mas ninguém estava entendendo. E depois fica pensando no que deveria ter sido feito, sai naquele momento:: não seria o ideal, sair da tela que eu digo. Ai eu acrescentei informação.. se não estou enganado eu acrescentei no sentido de “a pessoa está cantando muito rápido e vou tentar fazer o que estou entendendo”, tive que acrescentar essa informação, porque realmente não tinha o que fazer... Então tem momentos que dá pra você resolver esse imprevisto, alguns problemas técnicos por exemplo, as vezes a gente tava achando que estava na tela, mas tinha sumido porque eles ficavam colocando o QRcode na tela, as logos e ai tirava e as vezes tirava a gente junto. Tinha que ficar muito esperto nisso, as vezes a gente ficava flutuando na tela... e tinha que correr no técnico pra avisar. Então esse problema mais técnico dá pra resolver. Agora imprevistos das músicas, do que estava acontecendo, as vezes era palavrão no intervalo de uma música para outra e você não estava esperando. Em alguns momentos, no início eu ficava mais “será? ”, mas depois eu falei “quer saber? Ta falando isso mesmo e xingando mesmo, então bora!”.

Em sua resposta acerca dos imprevistos durante a atuação ele separa em duas partes, os imprevistos técnicos e não técnicos. O entrevistado mencionou que quando conseguia atuar com uma equipe maior, um dos intérpretes ficava responsável por cuidar das questões técnicas, como por exemplo “as vezes a gente tava achando que estava na tela, mas tinha sumido..” e esse designado para cuidar da parte técnica prontamente notificava a equipe técnica. É uma preocupação diferente da que tínhamos anteriormente ou quando se atua em uma sala de aula. Por ser um contexto hodierno, estratégias que facilitem o trabalho em grupo e colabore com a dinâmica de serviço é fundamental.



A segunda parte é dos imprevistos não técnicos, como ele menciona “teve uma situação que foi uma música que a gente não sabia que ia tocar e não entendemos nada da música”, nesses momentos em que os saberes investidos e constituídos se atravessam, é nessa situação de trabalho não prescrita em que devemos fazer uma escolha. Outro exemplo importante para demonstrar o debate de valores na atividade de trabalho foi a fala dele de que “querendo ou não isso te afeta durante o trabalho, porque você não está realizando o trabalho como deveria né... Você precisa passar aquela informação e não está conseguindo, fica angustiada né?”. Essa fala é fundamental para compreendermos o conceito de *corpo-si* de Schwartz (2010) o corpo que, como defende o autor, é atravessado por nossas histórias, fracassos, sucessos, entre outros. E é neste momento em que constituímos a experiência.

P: E como é esse trabalho em equipe? Tem vez que você fala “preciso de uns 4 Intérpretes” e o contratante não tem dinheiro e paga somente 2. Mas para 6 horas de *live* não tem como só dois Intérpretes.

E: Não tem. A primeira *live* que eu fiz foi isso, se eu não me engano foram 7 horas de *live*... e tinham dois Intérpretes. No início a gente tentou::: trabalhar em equipe, ai fazia o revezamento, se apoiava. E aí estava se apoiando e precisava ficar ligado com questões técnicas, aí passou 3, 4 horas... a gente não dava conta mais, simples assim, era fisicamente impossível a gente dar conta. Então... essa forma de contratação ela passa por alguns entraves, que ai vai de ordem financeira. A gente queria... todas as lives com 4 ou 5 Intérpretes, seria um sonho maravilhoso ter uma equipe com 4, 5 intérpretes. Tiveram algumas lives... que a gente sabia que ia demorar bastante e eles falavam que só tinham dinheiro para contratar dois... E foi numa época que a gente tava, que a gente tava não, foi bem no início que a gente conseguia parar para estudar e tudo mais. Não no comecinho, no comecinho o pessoal não queria nem mandar nada, pensava que era só chamar a gente e pronto, acabou. E ai nesse processo de negociação, conseguimos um tempinho para estudar.. e a gente via que tinha *live* que, meu Deus não dava:::, não tem como ser só dois. Aí tiveram, acho que foi 1 ou 2 *lives* que a gente dividiu o valor, que era pra 2, a gente se responsabilizou em chamar um terceiro porque não iríamos dar conta. E a gente mostrou daí, a pessoa que estava negociando meio que furou a questão de autoridade, tipo “to tratando com o pessoal da produção daqui, mas tenho contato com alguém mais próximo do cantor”, ai ela foi e fez esse furo e falou com essa pessoa mais próxima. Falou “olha não tem como” e mostrou que x mais y é isso aqui e perguntou “pode?”, ai responderam que iriam aumentar um pouquinho mais e é o que conseguiam. Mas mesmo assim dividimos, não ficou um valor ideal, mas prezamos pela qualidade do::: serviço. Eu falei antes que o trabalho a gente tentava dividir entre a gente, esses momentos de quem iria ficar de apoio e quem ficaria de apoio técnico que se a gente precisasse de alguma coisa iria correr lá pra ver a televisão:::, o som não ta chegando e tudo mais. Então a gente dividia nesse sentido para... funcionar. Porque no início a gente entrava na frente da câmera e ficava dois atrás tentando socorrer quando precisava e acabava atrapalhando. Até que a gente começou a se acertar como equipe, não só::: o trabalho em equipe como também a afinidade entre a equipe. A maioria das vezes eu trabalhei com pessoas que eu não tinha tanta afinidade, isso prejudica um pouco também..., você não ter afinidade e não conhecer o trabalho da pessoa, você não saber a experiência da pessoa no início e não ter liberdade com a pessoa para chegar e falar, acaba prejudicando um pouco. É mais ou menos isso.

Neste trecho acima recortado da entrevista, menciona sobre o trabalho em equipe. No seu relato o entrevistado afirmou que já atuou em uma *live* musical de 7 horas com apenas mais um colega e que em certo momento “a gente não dava conta mais, simples assim, era fisicamente impossível a gente dar conta”. Reforçando a ideia da importância do trabalho em equipe e da importância do Intérprete de apoio.

[...] O intérprete que teoricamente não está na função “ativa” continua como responsável em apoiar o trabalho do parceiro, em vez de se “desligar” do processo de interpretação. Com isso, o intérprete de apoio necessita estar alerta para que possa contribuir com o colega, caso perca alguma informação essencial ou que perceba que a informação não está de forma clara. Todavia, para que uma equipe possa funcionar de forma efetiva, alguns procedimentos e estratégias devem ser observados e adotados por seus membros. (NOGUEIRA, 2016. p. 6)

Nesse contexto o entrevistado ainda salienta a importância de ter no espaço de trabalho uma equipe de 4 intérpretes, no mínimo. E como é difícil para o contratante compreender essa dinâmica precisando as vezes, como no relato acima, desembolsar parte de seu pagamento para a adição de mais 1 profissional na equipe. Como menciona Nogueira (2016), o trabalho com o intérprete de apoio também precisa ser combinado anteriormente para que não atrapalhe o serviço no momento. O entrevistado relata que “no início a gente entrava na frente da câmera e ficava dois atrás tentando socorrer quando precisava e acabava atrapalhando” e depois afirma que a equipe conseguiu entrar em um comum acordo. Outro ponto relatado foi a falta de afinidade inicial da equipe, muitas das vezes não sabemos quem é o outro que compõe nossa equipe, o que pode dificultar o *Feedback* no grupo.

P: Queria saber se você vê a tradução musical como uma possibilidade de uma criação.

E: Sim eu vejo. E retomo::: uma coisa que eu falei agora pouco que eu vejo a possibilidade de criação quando se tem a possibilidade de criação. Porque nem sempre conseguimos nos debruçar tanto, eu acho que mereceria para cada *live* um estudo muito aprofundado de tudo, de todo repertório. Para justamente ter essa possibilidade de criação. Eu acho que sim, mas quando se tem a possibilidade. O que acontecia, muitas vezes a gente nem... conhecia o repertório, só conhecia algumas músicas, mas o todo não. Ai com essas músicas a gente brincava mais e tinha essa possibilidade de criação no momento da tradução, justamente por que fazíamos o processo da::: tradução, agora outras a gente só interpretava né. Escutava na hora e::: sinalizava tentando fazer algo bem próximo. Acredito que sim.... É bem por aí, e eu acho que a tradução musical deve passar por isso, por essa possibilidade de criação de manipular a letra da música e a informação para chegar mais próximo do sentimento que a música tenta passar.

Ao ser interrogado sobre a capacidade de criação no terreno musical o entrevistado concorda com a possibilidade. Porém ressalta novamente a importância da preparação para a partir dela explorar esse terreno na interpretação. Mas para isso, a tradução é a base, é o movimento de debulhar a letra da música, os sentidos, as metáforas apresentadas e trazê-las

para perto, para a cultura da língua alvo. Como menciona Bezzera (2012) é a “dessemelhança do semelhante”, é lidar com os sentidos semânticos e não uma busca por equivalência.

P: A última é sobre os desafios na dimensão verbal. Como trazer isso para a Libras?  
E: Sim. No início a gente ficava preocupado, eu ficava preocupado com o que eu estava escutando e o que deveria passar. E as vezes não se preocupava tanto com o ritmo da música e tinha o *feedback* com os surdos daqui e eles falavam “você ta parado, o que está acontecendo?”. Enquanto a *live* rolava a gente recebia esses *feedbacks* o tempo todo, é um desafio muito grande, principalmente quando não tem essa dimensão e possibilidade de criação de tradução. No meu ponto de vista deveria ser tudo tradução, no mínimo ter a possibilidade de passar pelo processo de tradução de todas essas letras, que aí vai sentar, discutir, conversar e vai criar sobre aquilo. Mas a gente não tinha essa possibilidade, aí:: em alguns momentos conseguia brincar um pouco mais e até com o ritmo da música, porque tinha músicas que eram mais melancólicas de arrancar o coração do peito e:: morrer de amor e outras era mais pra cima. A gente vai do 0 ao 80 muito rápido, e nos preocupávamos até na transição de... como que eu to no auge bebendo na balada com os amigos e beijando na boca e na próxima música quero morrer porque:: meu amor foi embora. Então essa transição a gente tentava trazer, pensando “poxa, como vou passar do 0 ao 80 tão rápido?” e as vezes era simplesmente parar o corpo. As músicas eram agitadas e a gente usava tudo, o ritmo no corpo, brincava, dançava em algumas músicas e ai:: na hora da transição tentava marcar parando o corpo e mudando totalmente a expressão, olhava na câmera.... eram estratégias. Mas é muito desafiador, eu acho:: que é um dos contextos mais desafiador e também é frustrante, as vezes você fala “nossa hoje foi legal, foi bem legal”, teve esse tempo para estudar e estava todo mundo na mesma *vibe*. Mas outros momentos que você falava “Meu Deus, o que estou fazendo? Ta:: muito ruim, não ta legal”, enfim, são experiências. Acho que todas.... a gente deveria passar pelo processo de tradução, que infelizmente a gente não conseguia.

Como questiona Faleiros (2015, p. 215): “como traduzir uma relação entre som e sentido em que as sequências fonológicas e aquelas formadas por unidades semânticas venham a constituir uma equação de igual maneira?”.

O entrevistado menciona também o *feedback* recebido da comunidade surda no momento de sua atuação, sendo cobrado pela corporeidade com questões como “você está parado, o que está acontecendo?”. E ele justifica esse engessamento pela falta de espaço de criação naquele ambiente, pois sem o acesso prévio ao conteúdo musical como interpretá-lo incorporando seu sentido? Isso não o torna impossível, e sim desafiador. Uma estratégia apresentada em seu discurso frente ao desafio de: como representar a transição de uma música para outra? A resposta encontrada foi a de usar o corpo como marcação, de ficar parado e olhar diretamente para a câmera. E finalizando a entrevista ele menciona as experiências, como já apresentamos anteriormente, como formadora das renormalizações e reafirma a tradução como fundamental neste contexto.

#### 4.1.2. Entrevistado 2.

A entrevista foi realizada no dia 07 do mês de agosto de 2021, por meio da plataforma *Google meet*. Iniciou-se com a apresentação de ambas as partes. O primeiro questionamento feito por parte do pesquisador foi referente a formação profissional do sujeito entrevistado.

E.: Vamo lá, eu sou fonoaudióloga e fiz uma pós-graduação em Libras... Na época que comecei a trabalhar, em 1999, como fono educacional e era.. o que a gente tinha aqui porque nós tivemos a:: entrada de um governo que pensou na educação inclusiva e abriu as escolas para a educação inclusiva como um todo... Então os surdos poderiam estudar em qualquer lugar, e aí os Intérpretes foram contratados para ir trabalhar nas escolas que eles estavam matriculados. E foi aonde comecei a trabalhar como Intérprete efetivamente, porque até então era só na igreja meu “trabalho”. Dai pra::: frente eu me formei fonoaudióloga e comecei a atender, mas não era... minha praia, e como a interpretação começou a ganhar muito espaço eu deixei a fonoaudiologia e comecei a trabalhar só como Intérprete.

Diferente do sujeito entrevistado anteriormente, com este outro entrevistado temos um caminho de formação diferente. Em seu relato afirma que iniciou sua formação superior no campo da fonoaudiologia e paralelamente atuava como intérprete no contexto religioso, e posteriormente se identificou profissionalmente com a interpretação deixando de lado a fonoaudiologia. Também mencionou em sua fala o avanço da educação inclusiva nos anos 90 e a possibilidade de os surdos ocuparem estes espaços educacionais. Destacamos aqui que em 1999 foi debatido entre a comunidade surda e surgiu um documento intitulado “A Educação que nós, surdos, queremos” (FENEIS, 1999), este documento orientou a educação de surdos no Brasil e serviu base para as futuras legislações.

Podemos indicar os anos 1990 como o marco da insurgência dos movimentos surdos brasileiros. Nessa década, iniciam-se os debates conceituais sobre língua de sinais, bilinguismo, os reflexos dos modelos clínicos terapêuticos e socioantropológicos na educação de surdos, teorizações sobre a cultura e identidades surdas e os impactos de todos esses estudos na organização de um processo de educação bilíngue para surdos no Brasil (FERNANDES; MOREIRA. 2014, p. 52)

Dando continuidade à entrevista foi questionado sobre sua experiência na interpretação e qual sua esfera principal (comunitária ou de conferências) de atuação.

E: Eu tenho 47 anos, a minha área maior e principal de atuação é a área educacional... e depois ela foi caminhando para formação::: de intérpretes porque fui trabalhar no CAS. O CAS Goiânia é um centro de formação muito:: grande, enquanto referência de formação de profissionais e pessoas que queiram trabalhar na área de interpretação. A gente tem o Letras-Libras, mas a referência da formação ainda é o CAS.

P: Qual é o contexto que você mais atuou durante a pandemia?

E: Continuou sendo a educação, porque o CAS se adaptou e a gente foi fazer as aulas online. Mas.. de abril de 2020 pra cá foi a área musical, as *lives* tomaram conta também da minha vida. Então estou dividida entre a arte e a educação.

Sua resposta referente ao questionamento foi a da esfera comunitária, principalmente a área educacional e com o início da pandemia o contexto de *lives* musicais em segundo. Cabe destacar aqui que a sigla CAS<sup>8</sup> se refere ao Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez, criado em 2005 e localizado em Goiana, é um lugar que fornece formação continuada. O CAS fornece capacitação tanto para profissionais da área como cursos para surdos e familiares.

O próximo questionamento foi referente ao uso da tecnologia e as interpretações remotamente neste período.

E: Então, eu que já tenho uma idade avançada ((risos)) e não sou tão novinha foi um pouco complicado no início, porque... a gente não está adaptada a esta realidade. Eu gosto muito do contato.... e isso me angustiou bastante, na educação principalmente, porque... a língua é visual aí se o aluno está numa janelinha muito pequena a gente não consegue ensinar de uma forma:: adequada e isso me deixa muito angustiada. Porque eu gosto de fazer tudo muito bem feito, e se eu to achando que o negócio não está caminhando... a gente também não pode cobrar do aluno muita coisa, porque também não estou oferecendo muita coisa, estamos oferecendo o que dá no momento. E isso é um gargalo que me estressa um pouquinho, mas a gente foi trabalhando na medida do possível.... do jeito que dá.

A resposta diz respeito ao contato que anteriormente a interpretação presencial permitia vivenciar. O olho a olho no surdo, a percepção através da expressão facial sobre seu entendimento naquele momento de atuação permitia a reformulação ou o uso de estratégias por parte do intérprete. Rodrigues e Valente (2011, p. 19) afirmam que “as práticas de autoavaliação e de autocrítica e o feedback de seus clientes também são importantes componentes auxiliares na excelência do desempenho da profissão”. Com a mudança repentina para o formato remoto de interação perde-se essa essência e o intérprete precisa adaptar-se ao novo cenário. Como menciona o entrevistado em sua fala “mas a gente foi trabalhando na medida do possível, do jeito que dá”.

P: Para você qual é a importância de ter o Intérprete na área de entretenimento, como é?

E: Na minha opinião é essencial, porque antes os surdos como não tinham acesso, não... tinham conhecimento e não::: transitavam na área. O que tornava um ponto de muita crítica, como já tenho 22 anos de:: caminhada na área de tradução e interpretação, eu vivi muito esse lado da crítica da arte... pela comunidade surda. “Aí música? Isso é muito ouvintismo, a gente não tem esse referencial”, mas outros surdos as vezes adolescentes, algumas crianças, eles queriam saber o que estava acontecendo.... E eu sempre lidei com essa questão da arte, teatro, música e dança, porque eu acho que você tem que oferecer e a::: opção de querer ou não é da pessoa.

---

<sup>8</sup> Disponível em <<https://casgoiania.blogspot.com>>

Mas acho que tem que oferecer e isso é muito importante, a gente tem que é brigar sempre pra estar lá e viabilizar sim.

“Esse pensamento de que surdos não gostam e não apreciam a música está obsoleto e é necessário que seja oferecida em sua língua natural” (ROCHA, SÁ, CASTRO, 2021, p.108). Como o sujeito entrevistado menciona “tem que oferecer e a opção de querer ou não é da pessoa” cumprindo assim a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002), é direito do surdo o acesso a esses ambientes e conteúdos em sua língua. Ele também afirma e reconhece a importância da figura do intérprete de Libras nesses ambientes, tanto para a comunidade surda quanto para a categoria de profissionais. Como afirma Oliveira (2014, p. 17):

[...] o surdo não está alheio à música e que pode se desenvolver socialmente com o reconhecimento de vibrações sonoras e do ritmo musical, elementos com os quais o surdo pode exercer o prazer de dançar. A concepção de que música não faz parte da cultura surda é errônea. Percebemos, pelos resultados colhidos nesta pesquisa, que a grande maioria dos surdos considera a música como algo fundamental em suas vidas. Professores e intérpretes ao priorizarem o ensino e a prática musical para surdos e aperfeiçoando-se cada vez mais, contribuem para que a barreira pré-estabelecida entre a arte musical e o universo surdo seja rompida mais facilmente.

P: E quais os saberes que você julga necessário, que precisa ter para atuar nesse contexto musical?

E: Você tem que em primeiro lugar ter... habilidade musical em si, por exemplo, se a pessoa não dá conta de dançar ...e não tem ritmo, ela vai ter mais dificuldade. Ela pode ser um excelente Intérprete na academia ou na área jurídica, aquela pessoa que você olha e fala “Poxa, mas que interpretação fantástica, que tradução maravilhosa”. Mas aí::: na música, na arte, ela não vai... Então o primeiro passo é você reconhecer o seu limite... você quer muito? Então vai trabalhar a arte em você, vai fazer uma aula de dança, de interpretação, vai trabalhar no mundo do teatro e na dança. Para que isso seja desenvolvido em você, porque o conhecimento da Libras você já vai ter, mas... em paralelo você precisa estudar...estudar muito e conviver com a comunidade surda. A língua é muito::: viva, e as vezes um termo que você não pega para aplicar na música, o sentido já não acontece e a interpretação fica falha.

Como já apresentado anteriormente os cursos de formação em nível superior de tradutores e intérpretes de Libras são generalistas (ALBRES, 2020) e fornecem a base dos estudos da tradução. Cabe ao profissional especializar-se no contexto de afinidade. Podemos perceber que o saber necessário julgado pelo entrevistado foi o da habilidade musical, advindo da formação artística. E é somente através da formação continuada por meio da especialização na esfera artística que o intérprete encontra esse saber necessário.

A importância do profissional vocacional para a área da interpretação musical precisa ser levada em consideração, pois há intérpretes que atuam no âmbito educacional, jurídico, saúde, e também, há os intérpretes que se especializam em músicas, que para tanto, fazem as melhores escolhas tradutórias (ROCHA, SÁ, CASTRO. 2021. p.109-110).

Um trecho da entrevista que também se enquadra neste ponto da análise foi esta fala em resposta à pergunta sobre os gêneros musicais das *lives*:

E: Então, Goiás é o berço do sertanejo.. Então a gente transita muito fácil neste ambiente... e aí você sabe o seu limite né? Eu não vou pegar um show de *rap* para fazer... Primeiro por conta da representatividade e segundo por conta da minha limitação. Não são músicas que eu ouço todos os dias e... é muito rápido, as vezes não consegue compreender a letra. Tem que ter vivência naquilo. E aí você sabe seu limite “esse trabalho eu não faço, eu posso indicar”, aí passo pra outro colega.... Da mesma forma que foi quando as *lives* estavam acontecendo em outros estados a gente optou por não viajar, a gente fez uma rede de... contatos com Intérprete de vários lugares do Brasil, a gente queria que...: todo mundo trabalhasse e tivesse sua renda garantida e que todo mundo mostrasse. Não sou só eu de Goiânia que é Intérprete, tem vários Intérpretes altamente profissionais em outros lugares e a gente precisa.. fazer mesmo essa rede, dar as mãos e trilhar esse caminho. Quando tudo isso passar a gente vai continuar vivendo, vai continuar trabalhando.

Novamente entra em questão a sua especialização, o entrevistado diz acima “e aí você sabe seu limite né?”. Como pesquisador compreendo o seguinte movimento a partir desta fala: você pode se especializar no meio artístico, porém não significa que estará apto para todas as demandas deste meio. Como afirma o entrevistado em sua fala “tem que ter vivência naquilo”, ao falarmos do corpo do intérprete como parte do enunciado, como linguagem não verbal carregado de ideologia, é importante mencionar o papel da representatividade.

Cabello (2020, p.44) afirma que “compreendidos dessa maneira, tomamos os corpos das/os tradutoras/es e intérpretes de Libras/Língua portuguesa não apenas como ‘suportes para um texto visual’, mas também enquanto lugar de significação e de produção de sentidos”. Sendo assim, compreendemos que a vivência e a representatividade estão relacionadas, de forma que o intérprete também faz parte do discurso enunciativo. Ora é inegável que uma *live* musical da comunidade LGBTQIA+ interpretada por profissionais pertencentes a comunidade é também uma forma de apropriação e de pertencimento. Como aconteceu na *live* intitulada “25ª Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo”<sup>9</sup> transmitida no *YouTube* em junho de 2021, onde um dos intérpretes era surdo e pertencente da comunidade LGBTQIA+, sua representatividade e presença foi um grande marco naquele espaço.

A escolha de repassar este serviço para outros profissionais da área também é uma forma de fortalecer a categoria e permitir que mais intérpretes tenham acesso a este meio de atuação. Outro ponto muito importante de ser analisado neste contexto é o da preparação, ao ser questionado sobre seus métodos e estratégias o entrevistado responde que:

E: Hoje, ta mais tranquilo. Como já temos.. um ano e meio de trabalho e de trato com esse meio já está mais tranquilo. Mas.. quando a gente começou era estressante,

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zOcfXsnvuMU>.

não tínhamos o contato e estudávamos via *Zoom* eu e a minha equipe. E... as vezes não dava tempo mesmo. Porque a produção mandava o repertório com 3 dias de antecedência e::: não dava tempo de ver tudo, mas.. como estava em equipe fica mais tranquilo.... porque são 3 cabeças pensando nas estratégias tradutórias e o conforto de se trabalhar é menos sofrível.

Percebemos neste relato que frequentemente os repertórios são entregues com pouco tempo de antecedência, o que dificulta o trabalho de tradução. Neste relato ele cita que a estratégia adotada foi o uso de toda a equipe de profissionais tradutores e intérpretes na tradução destes materiais, como ele afirma “são 3 cabeças pensando nas estratégias tradutórias”. O que, conseqüentemente, torna o processo mais rápido e prático.

P: Como é o processo de contratação?

E: Hoje como já tenho um... transito grande com as produtoras elas indicam umas para as outras: “olha essa daqui é a equipe que trabalha com a gente”. E aí fica com um ponto a mais no currículo.... Porque como você fica conhecida a produtora confia no seu trabalho. E aí eles entram em contato e fazem o orçamento.

A resposta obtida referente ao modo de contratação foi a de pela visibilidade que a interpretação neste meio a proporcionou a produtora indica seu trabalho para outras empresas. Como o profissional é um dos pioneiros nesse meio de *lives* musicais e já estabeleceu uma relação de confiança entra contratante e contratado, ele é indicado entre as produtoras que o convida para o serviço e solicitam o orçamento referente.

P: Como você lida com os imprevistos tecnológicos ou não, o que você faria? Qual dica você pode dar?

E: É o conforto de trabalhar em equipe, porque se eu to com o ponto eletrônico e ele acaba a bateria e estou no meio de uma música, a equipe está ouvindo.. e aí vão me dando o apoio até a gente fazer o rodízio e poder trocar. Se caiu o link da janelinha a equipe está vendo e vai entrar em contato com a organização pra voltar o link. E é isso... é o trabalho que você faz em equipe. Eu não trabalho com menos de 3 pessoas é dessa forma de tem ser... e é dessa forma que a gente consegue fazer uma entrega de qualidade

Sobre os imprevistos que possivelmente ocorrerão durante a atuação, sua resposta também enfatiza a importância do trabalho em equipe. No sentido de que quanto mais profissionais envolvidos no processo melhor a entrega de um serviço de qualidade. O entrevistado enfatiza que não trabalha com menos de 3 pessoas, visando justamente a qualidade final. Ainda sobre o trabalho em equipe o entrevistado definiu-o como:

E: Extremamente necessário. Eu brinco com a minha equipe que minha vida se divide em.... antes deles e depois deles. Porque na educação estadual, que é meu::: público maior de trabalho a gente não tem dupla nas escolas. A gente tem um único Intérprete na escola, as vezes.. a gente tem mais de um Intérprete. Mas.... a vida escolar acadêmica é muito rápida é muito ágil... Não da pra você “ ai deixa eu ver, hoje vai ter grupo de estudo”... Não tem horário de estudo.. Então as vezes você fica pensando ali sem esse conforto de você ter alguém pra trocar, ter alguém para compartilhar.. E as vezes só está você mesmo e o surdo com os combinadinhos do



dia a dia. É importante isso? É importante, mas quando você lida com pessoas que estudam a língua e é seu par linguístico mesmo de trabalho, você tem uma facilidade maior... Por mais que o surdo seja o público alvo da nossa tradução e interpretação, as vezes na escola são surdos que não tem um conhecimento grande da língua.. a gente ensina mais do que recebe. Aqui na universidade de Goiânia a gente tem... são duplas na universidade pra cada disciplina. Mas... na escola a gente não tem e isso é muito::: importante a gente fazer. A gente tem na rede estadual um dia por mês que os intérpretes se reúnem pra fazer formação, mas é muito rápido... 4 horas no mês inteiro de trabalho é insignificativo... melhor que nada? Melhor que nada... Mas é um gargalho que a gente não conseguiu pensar em qual estratégia seria melhor, com a pandemia eu acredito que isso melhorou.. Por mais sobrecarregado que nós estivéssemos na sala de aula:: a gente conseguiu se organizar pra assistir um curso online... muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo com pessoas de qualidade muito grande de trabalho, de discussão e:: pesquisa. Então a gente pode caminhar um pouco mais nesse um ano em conhecimento.

Nesta fala acima podemos compreender um pouco mais sobre a importância desde trabalho em conjunto. Ele também compara o modelo de interpretação educacional, em que afirma haver muitas vezes apenas um intérprete atuando. O que não cria um ambiente de troca e estudos pela falta de profissionais. Ainda menciona que com o advento da interpretação remota a troca de informações flui com maior facilidade. Sabemos que ocorrem simpósios, palestras, *workshops* e semanas acadêmicas no modo remoto, facilitando o acesso de pessoas de diferentes estados, de modo que o conhecimento chegue em espaços antes inacessíveis.

Sobre os *memes* que circularam nas redes sociais envolvendo sua imagem, a opinião do entrevistado não foi negativa, ele compreende como:

E: Tranquilamente, acho engraçado.. acho divertido. Eu virei a senhorinha da *live* né? “ o que que a senhorinha de 70 anos ta fazendo lá dançando no quadrinho da Marília Mendonça, ela não deveria tá lá, devia estar em casa, o auge da pandemia e essa senhorinha aí ...”. Mas não me importo mesmo, vida que segue... faz parte.

A última questão abordada na entrevista foi em relação à dimensão verbal e sobre os desafios da tradução e interpretação neste contexto. O sujeito respondeu da seguinte forma:

E: Sempre que você faz interpretação e tradução independente de qualquer língua sempre tem alguma perdazinha, não tem jeito. Ainda mais se for de imprevisto. Na tradução as vezes a gente consegue.. minimizar mesmo, a gente estuda muito, grava várias vezes. Eu odeio tradução, porque tá lá no vídeo, são 30 minutos de vídeo, ai você errou no minuto 25... ai tem que voltar e fazer tudo de novo. Eu faço uma live de 6 horas sorrindo, mas não me manda um vídeo de 30 minutos ((risos)) eu fico muito estressada. Mas... é o estudo mesmo. Na prática você vai tendo contato com a língua, com o estudo, com os consultores surdos, a gente sempre faz isso. Não tem na equipe enquanto está lá trabalhando....mas na preparação a gente tem consultores surdos que a gente troca muito. Então a gente faz a música pra ele... as vezes é uma música que a gente tem muito::: essa limitação ai a gente fala “ a música ta falando sobre isso eu vou fazer aqui pra você e aí você se consegue entender ou não”.... E aí a gente estuda isso e faz e ele vai ajustando e fazendo as adaptações que a gente precisa, mas é isso... é o contato mesmo, é o estudo diário.. Não dá pra falar “isso eu

já sei”, pronto, vida que segue... a gente nunca sabe tudo e precisa estar correndo atrás.

Em termos práticos tradução e interpretação são diferentes em suas definições. A tradução é pensada, é revisada e é registrada. O entrevistado cita que na tradução os imprevistos são “minimizados”, justamente por seu caráter. A interpretação é efêmera, e embora antes não fosse relacionada ao registro, atualmente também pode ser registrada. Como por exemplo a esfera que procuramos analisar neste estudo, encontramos registros em plataformas como *YouTube*. Como define Pagura (2015, p. 183):

[..] chamamos de tradução a conversão de um texto escrito em uma língua, denominada língua de partida, para uma outra, designada língua de chegada; consideramos interpretação a conversão de um discurso oral, de uma língua de partida para uma língua de chegada. Em resumo, a tradução é escrita e a interpretação, oral. O processo é semelhante, mas as próprias características decorrentes das diferenças entre a escrita e a oralidade acarretam uma operacionalização distinta entre os dois processos, com consequências para discussões teóricas e para a formação de profissionais que atuem na tradução e na interpretação, vistas aqui como duas profissões relacionadas, mas diferentes.

O intérprete em sua fala também cita que em sua equipe no momento de preparação constam com o trabalho de um consultor surdo para refinação das traduções. Ele menciona que nas músicas que encontram limitações é reproduzido a interpretação ao consultor surdo para que ele possa dar sua opinião e fazer os ajustes necessários. Neste espaço o consultor surdo tem o papel de avaliar as escolhas realizadas e os sinais produzidos, como também trabalha com validações. Tavares (2013) afirma que o intérprete que atua no meio midiático deve contar com o trabalho de um consultor surdo, pois eles têm a capacidade criativa e dominam ambas as línguas, sugerindo assim adaptações nas traduções.

O trabalho de consultores surdos é para isso também, para garantir a habilidade e qualidade de Libras no audiovisual para que os surdos não percam alguma coerência na língua de sinais. Da mesma forma, nos preocupamos com o visual da tela como as cores de plano de fundo, legenda e vestuário do intérprete, idem o tamanho da janela de Libras e os ritmos/expressões do intérprete. Vamos imaginar se não tivéssemos o consultor surdo no audiovisual, o que aconteceria com a acessibilidade? Vão garantir a qualidade da Libras? Sem consultor, o intérprete não é capaz de avaliar nem criar e validar tudo sozinho. (MARQUES, 2020. p. 120-121)

#### 4.1.3. Sínteses das análises verticais.

A análise vertical dos sujeitos coloca em situação dialógica o sujeito pesquisador, o sujeito entrevistador e o sujeito entrevistado. Se é verdade que os sujeitos são conduzidos por um roteiro de questões previamente elaborado pelo sujeito pesquisador, o sujeito entrevistador se abre à voz do sujeito entrevistado e reage às respostas enunciadas, colocando-se ele também, como parte do processo de produção do enunciado que será analisado. (CAMPOS, 2021.p. 5)

Para a síntese das análises verticais será elaborado um quadro comparativo inspirado em Campos (2021, s/p), nesse quadro destacaremos os principais eixos abordados durante as entrevistas e a síntese obtidas das respostas dos entrevistados. Para posteriormente a partir das respostas obtidas analisar na horizontalidade. Vejamos a seguir:

**Quadro 5 - Síntese das análises verticais.**

<b>Eixos</b>	<b>E1</b>	<b>E2</b>
<b>Formação e experiência</b>	Iniciou no meio comunitário de modo voluntário; realizou o PROLIBRAS em 2006 e passou a exercer a profissão oficialmente, onde continuou sua formação. Ênfase na interpretação em contextos comunitários na área educacional.	Formou-se em fonoaudiologia e fez uma pós-graduação em Libras. Inicialmente era intérprete no meio religioso e posteriormente começou sua atuação de forma profissionalizada. Ênfase na interpretação educacional, e a partir de 2020 no meio musical.
<b>Adaptação à tecnologia</b>	Destacou que muitas coisas não estão na perspectiva de atender os TILS. Relato de adaptação.	Relato de adaptação. Relatou a angústia pela falta do presencial e de suas características.
<b>TILS no entretenimento</b>	Dar a comunidade surda a opção de acesso, momento de conquista de espaço e visibilidade à categoria.	Concorda em dar a opção de acesso ao surdo, relatou um histórico social de crítica sobre o surdo e a musicalidade. Defende a viabilização do serviço.
<b>Saberes necessários</b>	Julgou necessário o saber de negociação e uma formação específica.	Julgou necessário a habilidade musical, adquirida através da formação especializada, e o convívio com a comunidade surda.
<b>Contratação</b>	Relatou que na maioria das vezes não teve uma contratação de forma direta.	Relatou um período, em que por ser uma referência na área, as produtoras a chamam para o serviço.
<b>Preparação</b>	Mencionou a falta de acesso prévio ao repertório e usa como estratégia a divisão das músicas baseado no perfil do Intérprete.	Mencionou que a preparação é feita em conjunto pela equipe e que conta com a presença de um consultor surdo.
<b>Memes e Imprevistos</b>	Em relação aos <i>memes</i> relata que a problemática é a repercussão do produto final. Sobre os imprevistos dividiu em duas classes: os técnicos e não técnicos. Declarando que sobre os técnicos há a possibilidade de resolução, já os não técnicos precisa-se criar estratégias no momento.	Relata não se importar com os <i>memes</i> . Sobre os imprevistos afirma que trabalhar em equipe ajuda nestes momentos.
<b>Trabalho em equipe</b>	Classificou como importante e necessário, usa estratégias de divisão de tarefas na equipe.	Classificou como extremamente necessário e disse que só trabalha com uma equipe de no mínimo 3 pessoas.
<b>Dimensão verbal</b>	Importância do <i>feedback</i> dos surdos e salienta a importância da possibilidade de traduzir as letras para exploração dos sentidos durante a interpretação. Também menciona sobre o uso da corporeidade durante as transições.	Ressalta a importância do estudo e da troca com o consultor surdo no momento de preparação.

Fonte: elaborado pela autora com base em Campos (2021, s/p).

## 4.2. Análise na Horizontalidade.

Na horizontalidade, o tema é do pesquisador, que, diferentemente da análise vertical, em que cada entrevista é tomada como um enunciado, passa a considerar como enunciado o conjunto das entrevistas. É do pesquisador a seleção do que poderá ser generalizado na horizontalidade a partir da análise na verticalidade (CAMPOS, 2021. p.11)

Seguiremos agora com a análise horizontal baseada nos enunciados concretos obtidos através da entrevista, de forma que focaremos nos eixos principais de análise. Para que a partir do encontro das narrativas obtidas encontremos os principais desafios, realidades e perspectivas.

### 4.2.1. Formação e experiências

A formação de TILS suscita contínua atenção aos níveis de participação da comunidade surda na sociedade em geral, já que seu envolvimento em diferentes práticas sociais (eventos científicos, jogos olímpicos, ações junto ao poder legislativo, frequentar diversos níveis de ensino em diferentes campos do conhecimento) implica demandas mais complexas, exigindo consequente refinamento da atuação do intérprete. Dependendo de seu nível de participação social, a comunidade surda atentará para aspectos da formação dos intérpretes, buscando profissionais cada vez mais competentes. LACERDA (2010, p. 140)

A partir da análise da formação de ambos entrevistados compreendemos que ambos começaram suas jornadas no campo da tradução e interpretação de Libras por meio do trabalho voluntariado. Prática comum desta geração de intérpretes, principalmente sendo iniciada no contexto religioso, como no enunciado da E2 recortamos o trecho de “até então era só na igreja meu ‘trabalho’”. Isso confirma o que apresentamos no capítulo 1 sobre o histórico da profissão no Brasil.

Conforme Lacerda (2010), a formação era moldada no voluntariado e se dava na informalidade. Com o avanço das legislações na década de 90 acerca da língua de sinais e da profissão, estes intérpretes passaram a se qualificar para continuar na ativa (GAMBINI; FONTANA, 2016). Em seus relatos percebemos a marcação destes momentos em que primeiramente trabalhavam com outras funções e a atuação com intérprete se dava no voluntariado e em segundo plano e transição para o momento em que deixam de lado sua formação (como no relato do entrevistado 2 em que abandona a fonoaudiologia) para começar de forma profissionalizada suas atuações como tradutores e intérpretes.

Todavia, este profissional tem sido historicamente constituído na informalidade, nas relações sociais, pela demanda dos próprios surdos que inúmeras vezes precisam de

intérpretes para mediar sua comunicação com ouvintes. A maioria dos intérpretes aprendeu ou desenvolveu sua fluência em Libras em espaços religiosos (que por sua necessidade de propiciar acesso à doutrina à comunidade surda, capacitam e acolhem fiéis usuários ou interessados na língua de sinais). (LACERDA, 2010. p. 137)

Sobre a formação os entrevistados reafirmam diversas vezes o quanto é importante esse movimento de formação continuada e especialização por área de atuação. Como afirmou Rodrigues e Valente (2011, p.24):

Assim, além de uma formação mais geral, necessária a todo profissional, ainda há a possibilidade, transformada, sem dúvida, futuramente, em necessidade, de uma formação específica a cada esfera de atuação: educacional, jurídica, médica, empresarial-trabalhista, religiosa etc.

Atualmente é fato a necessidade da formação especializada, observamos essa importância nos enunciados analisados e o quanto relevante é para o meio musical e artístico desenvolver as competências necessárias. Albres (2020, p. 1251) afirma que “a atuação nessa gama de eventos artísticos-culturais envolve a preparação de intérpretes por meio de curso de formação, crucial para o desenvolvimento da profissão”. Também encontramos em seus relatos a área de atuação na esfera comunitária no contexto educacional como principal campo de atuação dos entrevistados. Sendo seguidos por áreas emergentes como menciona E2: “estou dividida entre educação e a arte”.

Quando questionado sobre os saberes que julgam necessários podemos observar que a formação específica na área artístico-cultural é de uma percepção unânime. Como profissionais que atuam na área e possuem experiência no contexto em análise, os sujeitos relatam a importância de a formação específica e do desenvolvimento da arte em si. Outro saber necessário que o E1 também aponta como fundamental é o saber de negociação, de saber vender seu trabalho procurando as melhores condições para desenvolvimento de um serviço de qualidade. O E2 também afirma que o convívio com a comunidade surda é fundamental neste processo formador. Albres (2020, p. 1256) em seus estudos aponta que “o conhecimento de tradução e interpretação no meio artístico se constrói a partir das práticas em si e de formação paralela em cursos livres”.

Evidentemente, quanto mais bem formado for o profissional, mais chances de sucesso terá na execução de sua tarefa. A formação municia o TILS, por meio de teorias e prática, a lidar com os desafios de sua atividade. No entanto, tal como em outras áreas do saber e do fazer, não existem fórmulas, ou receitas infalíveis, que possam ser seguidas e aplicadas indiscriminadamente. Existem, sim, teorias que subsidiam a prática e práticas que alimentam a teoria, as quais, quando entrelaçadas, conforme se espera fazer ao longo deste curso, oferecem ao tradutor e intérprete a autonomia

necessária para ir moldando sua atuação e criando suas próprias estratégias de tradução e interpretação (RODRIGUES; VALENTE, 2011, p. 20)

#### 4.2.2. TILS na esfera artístico-cultural

A esfera artístico-cultural, segundo o PCN (Parâmetro Curricular Nacional), abrange diversas formas de manifestação artística, como por exemplo o teatro e a música. Albres (2020, p. 1250) afirma que “um dos campos mais antigos de atuação, no Brasil, refere-se à interpretação de músicas”. Ao olharmos para o histórico nacional de profissionais na área percebemos a presença marcante no contexto religioso e é nesse ambiente das missas, cultos e cerimônias que a música está presente (SILVA; 2012). Com o aumento da participação da comunidade surda em outras esferas se vê fundamental a presença do intérprete nestes outros ambientes como, por exemplo, nas atividades de lazer e entretenimento.

Na medida em que as mudanças no cenário brasileiro acontecem e a prática do profissional começa a ser vista, a preocupação da categoria com relação à formação aumenta, uma vez que esse tipo de prática começa a se constituir em novos cenários sociais. Atualmente, esses cenários tomam novos rumos e crescem consideravelmente na medida em que o trabalho de tradução e interpretação é requerido nessas instâncias. São muitos os contextos sociais onde os profissionais Tradutores e Intérpretes e de Língua de Sinais, doravante TILS, atuam, pois trabalham em quaisquer espaços onde transitam os usuários dos serviços de mediação comunicacional (RIGO, 2017, p. 32).

Cada vez mais percebemos que instituições culturais procuram tornar acessíveis suas programações para a comunidade surda. Fomin (2020, p.114) afirma que “consequentemente, cresce a demanda pelo profissional tradutor e intérprete língua de sinais (ILS) atuando na esfera artístico-cultural”.

Analisando os enunciados concretos das entrevistas coletadas percebemos que os dois intérpretes afirmam que é fundamental a presença do mediador naquele ambiente. Fornecendo assim o direito linguístico e a segurança do sujeito surdo de ter a opção e a escolha de acesso aquele conteúdo (BRASIL, 2005). O entrevistado 1 menciona que o “ponto principal deste movimento todo, deste período que a gente passou foi mais a questão de marcar um espaço, conquistar um espaço, visibilidade”. A presença do intérprete de Libras nas *lives* musicais neste período de COVID-19 foi importante tanto para a visibilidade da categoria de profissionais como para a comunidade surda. Porém em sua fala, o E1, afirma que ainda falta a compreensão por parte dos contratantes sobre a importância do serviço. O E2 concorda com

a importância do direito de escolha do sujeito surdo e ainda mostra um relato de que ao longo dos 22 anos de atuação percebeu críticas quando a relação do sujeito surdo e a musicalidade.

Vale citar que as experiências dos surdos com relação à música podem ser inúmeras, pois notam-se, em princípio, vários perfis, desde músicos surdos, surdos musicistas, até surdos que consideram a música como uma “experiência esdrúxula”, um meio de repressão e domínio ouvintista, passando também por aqueles que não a entendem como um artefato cultural surdo e, portanto, se mostram indiferentes ou a rejeitam; há até aqueles que dela se apropriam e acabam criando uma identificação e expressão, por exemplo, por meio da realização de traduções de letras de canções para sua língua materna (RIGO, 2013, p. 89).

#### 4.2.3. A preparação, contratação e o trabalho em equipe

No encontro de enunciados podemos generalizar um fato: a preparação é fundamental. Ambos sujeitos entrevistados nesta pesquisa afirmam que o processo de tradução das letras é fundamental e necessário. Porém, foi relatado que na maioria das vezes não possuem acesso prévio ao material, no caso o repertório, ou quando recebem é com um prazo muito curto para o estudo. O que segundo os relatos fica impossível dar conta de se debruçar e estudar todas as letras.

Cabe lembrar que as letras de músicas e os roteiros dos textos dramáticos incorporam significados diversos e podem conter informações implícitas, inclusive, fazendo com que os profissionais precisem estudar sobre a intenção real da mensagem do texto. Uma vez tendo o entendimento claro da mensagem é possível, conforme apontam as autoras, que se estabeleça uma compreensão do texto e do tempo das mensagens nele contidas sendo, assim, possível de se organizar uma tradução prévia (RIGO, 2013, p. 51).

O E1 ainda afirma que a possibilidade de ver a Interpretação musical como possibilidade de co-criação só é possível se tiver o momento de tradução (BEZERRA, 2012). Neste momento entra o uso de estratégias adotado por cada intérprete frente a sua atividade de trabalho. O E1 relata que a estratégia utilizada foi a divisão das músicas recebidas por perfil dos intérpretes de sua equipe facilitando assim o processo de preparação e atuação. Já o E2 afirma que quando se tem a possibilidade de tradução toda a equipe estuda o possível e estabelece uma troca de ideias e possibilidades dentro daquela tradução. Os dois também afirmam ter em sua equipe uma pessoa surda. O E1 descreve que “a gente convidou uma professora surda daqui, e ela tinha esse perfil mais pra::: literatura”, e o E2 já aponta que conta com um consultor surdo no momento da preparação, o que é fundamental para o refinamento da tradução e para a validação das estratégias adotadas (MARQUES, 2020).

A preparação é fundamental até nos desafios apresentados pela dimensão verbal, como por exemplo, é o tempo de estudo sobre estas letras que possibilita uma análise detalhada de seus sentidos. O E1 em sua fala apresenta preocupações iniciais, como por exemplo, a transição de uma música para outra e o uso do corpo como marcação, preocupações que posteriormente encontrou estratégias e soluções. E2 também relata que o contato com a comunidade e o estudo diário são ferramentas importantes na apropriação da língua.

Analisando as respostas obtidas podemos perceber a organização destas equipes no momento de atuação. O E1 afirma que enquanto está no turno tem um colega dando apoio e outro responsável pela parte técnica. E2 também afirma que com o trabalho em equipe os imprevistos de ordem técnica são minimizados, justamente por esta divisão de funções dentro do grupo.

Quando questionados sobre a importância do trabalho em equipe os dois sujeitos responderam que é fundamental neste contexto. O E1 afirma que já chegou a vivenciar experiências como a de uma *live* com 7 horas de duração com somente 2 pessoas na equipe e relata que era fisicamente incapaz de dar conta de toda essa demanda. Ambos concordam que uma equipe com 4 profissionais neste contexto seria excelente e que prezaria pela qualidade da interpretação e saúde dos profissionais envolvidos.

Podemos perceber que a maior problemática na contratação de uma equipe para atuação está na ordem financeira por parte do contratante. Silva e Fagundes (2015) abordam o fato de a grande maioria da população ouvinte desconhecer a cultura surda e não se interessar pelos aspectos referentes a ela. Do mesmo modo podemos dizer que os contratantes, em sua maioria, desconhecem sobre o trabalho do tradutor e intérprete de língua de sinais. Por isso se faz tão necessário o desenvolvimento da competência de negociação, para que o profissional mediador naquele momento possa apresentar suas condições de trabalho e justificá-las.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral compreender o contexto e as práticas da interpretação do português para a Libras em *lives* musicais. A partir da análise advinda da observação dos enunciados concretos dos entrevistados foi possível identificar um terreno ainda novo, pouco explorado e, de certa maneira, desconhecido por ter iniciado há aproximadamente um ano e meio. Essa emergência do campo evidencia a carência de estudos e pesquisas que sobre este contexto, mas com base nas análises aqui realizadas, observou-se que, assim como em outros espaços e produtos, as *lives* musicais são espaços crescentes de atuação do intérprete de Libras.

Nas entrevistas, nota-se que muitas relações estabelecidas com contratantes e outros que não compreendem e que não conhecem a cultura surda, a língua de sinais, o serviço e papel do intérprete, são fatores que apontam para um campo inexplorado e em expansão, bem como para uma necessária formação dos intérpretes para a realização de explicações, negociações e apontamentos técnicos sobre suas funções, responsabilidades e necessidades para o desenvolvimento de um serviço de qualidade. Esse aspecto apareceu na horizontalidade das entrevistas quando percebemos que ambos os entrevistados apontaram para a necessidade de um saber de negociação a fim de explicar para o contratante as razões e a fundamentação que sustenta um trabalho de interpretação de qualidade, o que envolve atuação em equipe, revezamento e outros aspectos.

As entrevistas também apontaram para a importância neste contexto, assim como em outros, do acesso prévio ao material para a preparação dos profissionais. Embora essas questões estejam claras para os intérpretes, não estão para os contratantes. Esse aspecto é de extrema relevância, pois permitirá como que os profissionais estudem as letras das músicas a tempo de oferecer aos surdos, que viveram tanto tempo à margem do acesso à cultura, um serviço efetivamente qualitativo. O intérprete, nestes espaços artísticos-culturais, é fundamental e de extrema importância para a garantia dos direitos linguísticos de acesso à arte e cultura.

As entrevistas apontam também para a visibilidade que a categoria ganhou no período de pandemia principalmente pela repercussão e popularização das *lives* musicais. Com o uso das *hashtags* o conteúdo ficou em alta nas redes sociais e permitiu o acesso de milhões de telespectadores. Foi uma forma que encontramos, enquanto sociedade, de estarmos pertos, mesmo que distantes, por causa da situação pandêmica. Foi um momento muito importante

para todos e poder proporcionar esse alcance a comunidade surda também foi muito significativo.

Sobre a descrição das relações de trabalho, nosso primeiro objetivo específico, já mencionamos acima a necessidade de um saber de negociação, mas vale ressaltar também o a importância do trabalho em equipe. Nesta área, devido à dinâmica do serviço, é fundamental o trabalho de intérpretes de apoio. Neste contexto, as *lives* chegam a durar de 3 a 6 horas em média e atuação em equipe torna possível a realização, desde que se considere, no mínimo, três profissionais intérpretes que tenham competência na área musical e, também, artística. É fundamental a formação de uma equipe qualificada para este serviço e esse é dos um ponto que aparece nas entrevistas. O trabalho em equipe, nesse caso, seria do intérprete que está no turno, do intérprete que está no apoio e um terceiro que ficaria responsável não apenas pelo acompanhamento da interpretação e o apoio linguístico, mas também pelo acompanhamento de problemas de ordem técnica como iluminação, exibição do intérprete e outros aspectos.

É fundamental também destacarmos a importância da formação específica para atuação nessa área considerando que, para além da competência tradutória e interpretativa, os profissionais demandariam também competências mais lidas à esfera artístico-cultural ligadas à musicalidade, à dança, ao teatro. Os cursos atuais de formação nas universidades públicas, como mencionados anteriormente, são generalistas, o que acaba por responsabilizar cada profissional a desenvolver-se individualmente a partir da área de atuação que desejar seguir somada à constante vivência na comunidade surda.

Um outro ponto fundamental é a participação de um consultor surdo na equipe e sua atuação no momento de tradução destas letras musicais. Ele, como um sujeito surdo e usuário da Libras como sua língua natural, aproximará estas traduções culturalmente e contribuirá neste processo tradutório e interpretativo. A presença do surdo na equipe também pode acontecer como intérprete durante a realização das *lives*. De todo modo, a presença desse sujeito na equipe é de extrema relevância.

Nosso segundo objetivo específico buscava examinar as questões valorativas neste contexto de atuação. Com a análise dos enunciados foi possível perceber que o corpo do intérprete está sempre em exposição, o que pode levar à uma dramática haja vista que são muitos olhares desconhecidos para o discurso, mas, sobretudo, para sujeito que enuncia esse discurso. Nas entrevistas, questionamos os entrevistados sobre a circulação de *memes* nas redes sociais e foi possível notar que esse ponto suscitou um certo desconforto nos intérpretes devido às imagens recortadas e usadas fora do contexto original de produção da língua de

sinais. Como lidar com essas questões é uma resposta individualizada, não se tem uma receita, uma prescrição que nos dê um caminho, mas são aspectos que atravessam a atuação nesse contexto.

A ausência de prescrições sobre esta atividade de trabalho foi um outro ponto que apareceu de forma sistemática nas entrevistas. Por ser uma área de atuação recente e carecer de estudos que a investigue, pouco encontramos normas prescritas, o que leva o profissional a fazer escolhas na hora de sua atuação, moldadas em seus saberes e nas normas antecedentes. Mas quem poderá julgá-las como certo ou errado? E como isto atravessa nosso corpo durante o ato interpretativo, é sobre este debate que devemos nos concentrar.

Diante do que foi mapeado na pesquisa, espera-se que, futuramente, mais artistas conscientizem-se sobre a importância da presença de intérpretes durante suas apresentações, seja em *lives* ou *shows* presenciais a fim de que os direitos linguísticos da comunidade surda sejam respeitados e que, neste movimento, outras áreas comecem a contratar intérpretes também. Espera-se que os profissionais que atuarão neste contexto, caso ele se consolide efetivamente como uma opção de cultura na nossa sociedade, estejam conscientes sobre sua formação e a necessidade de aprofundamento e especialização em relação ao contexto. Também se faz necessário o desenvolvimento de competências do saber de negociação para que a categoria conquiste melhores condições de trabalho e ampliem o terreno aos próximos futuros profissionais, pois se há uma apresentação do trabalho de forma equivocada, o aceite do pagamento injusto e condições precarizadas pode-se criar uma compreensão nos contratante de que aquela é a realidade de trabalho de todos os profissionais.

Essa foi uma pesquisa inicial sobre um contexto também inicial. Ressalta-se, nesse sentido, que outras pesquisas sobre esse contexto precisam ser realizadas a fim de que haja descrição sobre outras realidades brasileiras, bem como uma compreensão mais aprofundada do trabalho dos intérpretes de Libras nas *lives* musicais em todo o território brasileiro.

## 7. REFERÊNCIAS

ALBRES, N. A. Os espaços da Libras em contextos artístico-culturais e literários e a formação de tradutores e intérpretes de Libras-português. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 23, n. 4, p. 1248-1273, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/18467> .Acesso em: 13 out. de 2021.

ALBRES, N. Políticas Públicas de acesso à arte e cultura em Libras: Políticas linguísticas e políticas de tradução. **Travessias Interativas**, 2020, n. 22, p. 366-385. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/15344> .Acesso em: 30 set. de 2021.

ALMEIDA, W. G. Surdez e Cidadania: **um olhar sobre a inclusão social e as políticas públicas no contexto turístico**. 170 fl. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo), UESC, Universidade de Santa Cruz, Ilhéus, 2008. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=143178](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=143178) Acesso em: 20 set. de 2021.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello, & C. A. Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores. 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/isabe/AppData/Local/Temp/38188-Texto%20do%20artigo-159864-1-10-20151021.pdf> Acesso em: 2 set. de 2021.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. 1ª. Ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M; VOLOCHÍNOV. V. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 12. ed. [S.L]: HUCITEC, 2006.

BERMELHO, O. Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedv. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 193-194, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/jwFTXwgT4RVhw9DvfdYDmdF/?lang=pt> Acesso em: 13 jul. de 2021.

BEZERRA, P.. A tradução como criação. **Estudos avançados**, v. 26, n. 76, p. 47-56, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/47538> Acesso em: 15 jun. de 2021.

BORGES, M; ZAMBRONI, P. Entrevista: Pierre Trinquet e o ponto de vista da atividade em formação profissional e segurança no trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 13, n. 1, p. 149-157, 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172010000100012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172010000100012) .Acesso em: 23 set. de 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: [https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988\\_26.06.2019/art\\_215.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_26.06.2019/art_215.asp). Acesso em: 14 julho. 2021.

BRASIL. Decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Seção 1, p. 28-30.

BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Seção 1, p. 23.

BRASIL. Lei 12.139, de 01 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 02 set. 2010. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Lei 14.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 07 jul. 2015. Seção 1, p 2.

CABELLO, J. Por uma formação decolonial no campo da tradução e interpretação libras/língua portuguesa. **Revista Contemporânea de Educação**, 15(34), 40-59.2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/36219/pdf> . Acesso em: 09 nov. de 2021.

CAMPOS, M. T. R. A. **Verticalização e horizontalização em pesquisas em Ciências Humanas**. Revista Letras de Hoje, Porto Alegre, 2021 [Artigo aceito para publicação].

CAMPOS, M. **Teias do tempo: o jovem do ensino médio como sujeito na gestão do futuro**. (Tese) Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/21804> Acesso em: 30 ago. de 2021.

CLAUDIO, J. **Proficiência em Língua Brasileira de Sinais - PROLIBRAS: representações sobre uso e ensino da Libras**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre. 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/24160> Acesso em: 13 jun. 2021.

CUNHA, L; SOUZA SILVA, A; DA SILVA, A. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 7, n. 3, p. 27-37, 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924> Acesso em: 30 ago. de 2021.

DURRIVE, L; SCHWARTZ, Y. Revisões temáticas: glossário da Ergologia. **Laboreal**, v. 4, n. 1, p. 23-28, 2008. Disponível em: [http://laboreal.up.pt/files/articles/2008\\_07/pt/23-28pt.pdf](http://laboreal.up.pt/files/articles/2008_07/pt/23-28pt.pdf) Acesso em: 12 jun. de 2021.

FALEIROS, A. Tradução & poesia. In: AMORIM, L. M.; RODRIGUES, C. C.; STUPIELLO, E. N. A. **Tradução & perspectivas teóricas e práticas**, São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/6vkk8> Acesso em: 5 nov. de 2021.

FENEIS. Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. **A educação que nós surdos queremos**. Documento elaborado pela comunidade surda a partir do pré-congresso ao V Congresso latino americano de Educação Bilíngue para Surdos, realizado em Porto Alegre/RS, no salão de atos da reitoria da UFRGS, nos dias 20 a 24 de abril de 1999. Disponível em: <http://www.feneis.org.br/arquivos/A%20EDUCA%C7%C3O%20QUE%20N%D3S%20SURDOS%20QUEREMOS.doc>. Acesso em: 10/10/2021

FERNANDES, S; MOREIRA, L. Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro. **Educar em Revista**, p. 51-69, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/zJRcjrZgSfFnKpbqTDh7ykK/abstract/?lang=pt> Acesso em: 14 out. de 2021.

FIRMINO, P. Os intérpretes e a tecnologia: uma parceria fundamental. **Tópicos e contextos em interpretação**, v. 1, 2016. Disponível em: [http://interpret2b.com/cms/uploads/publicacoes/publicacao\\_7/os%20interpretes%20e%20a%20tecnologia%20-%20uma%20parceria%20fundamental\\_Paula%20Firmino.pdf](http://interpret2b.com/cms/uploads/publicacoes/publicacao_7/os%20interpretes%20e%20a%20tecnologia%20-%20uma%20parceria%20fundamental_Paula%20Firmino.pdf) Acesso em: 3 set. de 2021.

FOMIN, C. Corpo como texto e a posição da interpretação em Libras no teatro. **Revista Espaço**, n. 54. p. 113-142. 2020. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/682> Acesso em: 23 out. de 2021.

GAMBINI, D.; FONTANA, S. La lengua de signos: aspectos traslativos y sociolingüísticos desde un observatorio italiano. **Revista Española de Discapacidad**, madri/ES, v. 4, n. 1, p. 155-175. 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/304708031\\_La\\_lengua\\_de\\_signos\\_aspectos\\_traslativos\\_y\\_sociolingüísticos\\_desde\\_un\\_observatorio\\_italiano](https://www.researchgate.net/publication/304708031_La_lengua_de_signos_aspectos_traslativos_y_sociolingüísticos_desde_un_observatorio_italiano) Acesso em: 25 set. de 2021.

GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

KURIMOTO, T. C. S. Reflexões sobre a nova normalidade: Desafios da pandemia, relações interpessoais e bem comum ou ‘Aquilo que não havia, acontecia’. **UFMG**, 2020. Disponível em: [https://ufmg.br/storage/b/3/f/f/b3ff0b4a08e9e7a3d4f62ceabdba6248\\_15936155533223\\_525632562.pdf](https://ufmg.br/storage/b/3/f/f/b3ff0b4a08e9e7a3d4f62ceabdba6248_15936155533223_525632562.pdf) Acesso em: 23 abr. de 2021.

LACERDA, C.B. Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. **Cadernos de Educação**. Pelotas, p. 133-153. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1604/1487> Acesso em: 15 nov. de 2021.

LIMA, M; ALMEIDA, M; LIMA, C. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa de enfermagem. **Revista gaúcha de enfermagem**. Porto Alegre. Vol. 20, 1999, p. 130-142, 1999. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/23461> Acesso em: 7 set. de 2021.

MARQUES, R. **A produção audiovisual no contexto da surdez: discutindo parâmetros e consultoria**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio

Grande do Norte. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/32085> Acesso em: 9 out. de 2021.

MCBURNEY, S. L. **Pronominal reference in signed and spoken language: are grammatical categories modality-dependent?** In: MEIER, R. P; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. Modality and structure in signed and spoken languages. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p.329-369. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/abs/modality-and-structure-in-signed-and-spoken-languages/pronominal-reference-in-signed-and-spoken-language-are-grammatical-categories-modalitydependent/B8B14DD2F48B1555CDD39A532167F874> Acesso em: 15 jul. de 2021.

MINAYO, M. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, M. V. B. **Formação de intérpretes de Libras e Língua Portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes**. 2016. 318 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19562> Acesso em: 20 jun. de 2021

NASCIMENTO, V.; MARTINS V.; SEGALA, R. Tradução, criação e poesia: descortinando desafios do processo tradutório da Língua Portuguesa (LP) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) **Domínios de Linguagem**, v. 11, n. 5, p. 1850-1874, 2017. Disponível em: Acesso em: 20 jul. de 2021. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/37378> Acesso em 16/11/2021.

NOGUEIRA, T., C. Intérpretes de libras-português no contexto de conferência: Trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine. In: **V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p.1-17, 2016. Disponível em: <https://www.congressotils.com.br/anais/2016/3334.pdf> Acesso em: 24 ago. de 2021.

MOURA, F. Proliferação das# hashtags: lógica da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 17, p. 141-158, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/yzCXysYcfvRFnZj9r7ZGZnw/?lang=pt> Acesso em: 01 dez. de 2021.

OLIVEIRA, M. Linguagem e Alteridade nos escritos do Círculo de Bakhtin. **Eutomia**. Recife. v. 21, 2018, p. 169-184. Disponível em: <file:///C:/Users/isabe/AppData/Local/Temp/237079-126561-1-PB.pdf> Acesso em: 19 ago. de 2021.

PEREIRA, M. **A interpretação interlíngua da Libras para o Português brasileiro: um estudo sobre as formas de tratamento**. Florianópolis. 2014. Tese de Doutorado. Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/129363> Acesso em: 4 jul. de 2021.

PEREIRA, M. Interpretação Interlíngua: as especificidades da interpretação de Língua de Sinais. **Cadernos de Tradução**, v.1, n. 21.2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2008v1n21p135> Acesso em: 20 set. de 2021.

QUADROS, R. M. **Língua de herança**: língua brasileira de sinais. Porto Alegre: ArtMed, 2017.

QUADROS, R. M.; SOUZA, S. X.. Aspectos da tradução/ encenação na língua de sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras. In: QUADROS, R. M. (Org.). Estudos Surdos III. Petrópolis: **Editora Arara Azul**, v. III, p. 170-209. 2008. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/224969590\\_Aspectos\\_da\\_TraducaoEncenacao\\_na\\_Lingua\\_de\\_Sinais\\_Brasileira\\_para\\_um\\_ambiente\\_virtual\\_de\\_ensino\\_praticas\\_tradutorias\\_do\\_curso\\_de\\_Letras\\_Libras](https://www.researchgate.net/publication/224969590_Aspectos_da_TraducaoEncenacao_na_Lingua_de_Sinais_Brasileira_para_um_ambiente_virtual_de_ensino_praticas_tradutorias_do_curso_de_Letras_Libras) Acesso em: 10 out. de 2021.

RIGO, N. Interpretação de música para língua de sinais: público-alvo surdo e aspectos culturais em foco. **interFACES**, v. 24, n. 1, p. 87-99. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/29659> Acesso em: 17 ago. de 2021

RIGO, N. **Tradução de canções de LP para LSB: identificando e comparando recursos tradutórios empregados por sinalizantes surdos e ouvintes**. 2013. Dissertação (Mestrado). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. 195 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/122839/PGET0179-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 16 nov. de 2021.

ROCHA, E; SÁ, FARIAS; CASTRO, F. **A figura do intérprete de Libras como agente inclusivo na interpretação de músicas para surdos na pandemia.**, p. 1-388-416. 2020 Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/48848> .Acesso em: 17 set. de 2021.

RODRIGUES, C. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 57, n. 1, p. 287-318, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/wgrtd7x9bfqckZNY6nXgs3R/?lang=pt> Acesso em: 16 nov. de 2021.

RODRIGUES, C. Formação de intérpretes e tradutores de língua de sinais nas universidades federais brasileiras: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular. **Translatio**, n. 15, p. 197-222, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/79144> Acesso em: 22 set, de 2021.

RODRIGUES, C. H. **A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais**.2013. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MGSS-9CXQ8L/rodrigues\\_2013\\_tese\\_poslin.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MGSS-9CXQ8L/rodrigues_2013_tese_poslin.pdf?sequence=1). Acesso em 26 jul. 2021.



RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. **Revista Da Anpoll**, Florianópolis, v. 1 n. 44, p. 111–129. 2018. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1146> Acesso em: 2 set. de 2021.

RODRIGUES, C; VALENTE, F. **Intérprete de Libras**. Curitiba: IESDE Brasil SA, 2011. 232 p.

SANTOS, S. A. dos; FRANCISCO, C. Políticas de tradução: um tema de políticas linguísticas? **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 2939-2949, abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2018v15n1p2939> Acesso em: 24 jul. 2021.

SCHWARTZ, Y. Circulações, dramáticas, eficácias da atividade industrial. **Revista Trabalho, Educação & Saúde**, Rio de Janeiro, 2(1), 33-35. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/YpjWbCXw8WbWmNMcNyhwPPg/abstract/?lang=pt> Acesso em: 30 out. de 2021.

SCHWARTZ, Y. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. **Revista Trabalho, Educação & Saúde**, Rio de Janeiro, 9, 19-45. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/HTF7DtBVhZfgVZXqhkPX4Mx/abstract/?lang=pt> Acesso em: 1 ago. de 2021.

SCHWARTZ, Y. Reflexão em torno de um exemplo de trabalho operário. Trad. Jussara Brito et alli. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (orgs.). Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana. Niterói (Brasil): **Editora da UFF**. (2a. edição revista e ampliada), 2010. p. 37-46.

SEGALA, R. R.; QUADROS, R. M. (2015). Tradução intermodal intersemiótica e interlinguística de textos escritos em Português para a Libras oral. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 354-386, out. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p354>. Acesso em 26 out. 2021.

SILVA, C. A. **Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade**. São Paulo, Terceiro Nome, 2012. 248 p.

SILVA, V. J. S.; FAGUNDES, E. A.; Cultura Surda e seu Embate com a Cultura Ouvinte. In: **XII Congresso Nacional de Educação**, 2015. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16897\\_7555.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16897_7555.pdf) Acesso em: 25 out. de 2021.

SOUZA, C. Memes: Formações discursivas que ecoam no ciberespaço. **Vértices**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 127- 148, jan/abr. 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/266617279\\_Memes\\_formacoes\\_discursivas\\_que\\_ecoam\\_no\\_ciberespaco](https://www.researchgate.net/publication/266617279_Memes_formacoes_discursivas_que_ecoam_no_ciberespaco) Acesso em: 12 nov. de 2021.

SOUZA, D. A constituição prosódica da língua brasileira de sinais (libras): as expressões não manuais. 2020. **UFRGS: Instituto de Letras**. Programa de Pós-Graduação em Letras. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/217373> Acesso em: 10 set. de 2021.

STUMPF, M; OLIVEIRA, J; MIRANDA, R. O Glossário Letras-Libras como instrumento para estudo de unidades terminológicas em Libras. In: STUMPF, M; QUADROS, R. M; LEITE, T. (orgs.). Estudos da Língua Brasileira de Sinais II. Série Estudos de Língua de Sinais. V.II. Florianópolis: Insular. 2014, p. 145-164.

TAVARES, L. (org.). **Notas Proêmias: Acessibilidade Comunicacional para Produções Culturais**. 2013. Recife. Secretaria de Cultura- Governo do Estado de Pernambuco. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/179649> Acesso em: 21 set. de 2021.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em: <https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em-Ciencias-Sociais.pdf> Acesso em: 16 jul. de 2021.

UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos**. DHNET. Barcelona. 1996. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a\\_pdf/dec\\_universal\\_direitos\\_linguisticos.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf) Acesso em: 11 ago. 2021.

## 8. ANEXOS

### ANEXO 1



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS EM LIVES MUSICAIS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: DESAFIOS, REALIDADES E PERSPECTIVAS

**Pesquisador:** MARCUS VINICIUS BATISTA NASCIMENTO

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 46214921.8.0000.5504

**Instituição Proponente:** CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.768.897

##### Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1741204.pdf, de 28/05/2021) e/ou do Projeto Detalhado (Projeto\_Isabella\_CorrigidoFinal\_CEP.pdf, de 28/05/2021): RESUMO, HIPÓTESE (se houver), METODOLOGIA, CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.

##### Resumo:

Com o aumento da interação remota no período de COVID-19, a produção cultural virtual se tornou uma opção para que os brasileiros pudessem vivenciar momentos de lazer, de modo seguro, durante o isolamento social. Uma dessas produções foram os shows realizados por artistas brasileiros e transmitidos por plataformas virtuais de amplo acesso, as denominadas lives musicais. Alguns desses shows, com o intuito de ampliar o público com pessoas surdas, passaram a contar com a participação de intérpretes da língua brasileira de sinais (Libras). Nesse cenário emergente de atuação para esses profissionais, questiona-se quais são os desafios implicados na interpretação de Libras em lives musicais. Diante disso, o objetivo desse estudo é compreender os desafios envolvidos na interpretação do Português para a Libras em lives musicais. Os objetivos específicos são descrever a forma de contratação dos profissionais intérpretes, examinar o debate de valores em torno da atuação neste contexto e identificar as realidades da interpretação em lives

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9685

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.768.897

musicais. Este estudo se fundamentará na perspectiva dialógica da linguagem construída pelo Círculo de Bakhtin, na Ergologia, abordagem multidisciplinar que busca compreender a atividade de trabalho como atividade humana e nos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais, como área emergente que tem como ponto central a intermodalidade das línguas envolvidas em processos tradutórios e interpretativos. Serão entrevistados 4 sujeitos por meio da entrevista semiestruturada que será realizada de modo remoto por meio do Google Meet. Espera-se que, esse estudo identifique os principais desafios neste contexto de atuação, além de reportar a realidade vivida através dos relatos obtidos dos entrevistados. Permitindo a compreensão sobre o contexto emergente e colaborando em futuras atuações dos profissionais intérpretes.

#### Hipótese:

A hipótese é de que os intérpretes de Libras-Português que atuaram na pandemia em lives musicais enfrentaram dificuldades de ordem laboral, discursiva, estratégica e de autoimagem.

#### Metodologia Proposta:

Esta pesquisa se caracteriza como de natureza qualitativa por ser um estudo de caráter analítico interpretativista (MINAYO, 2001, p.21). Como instrumento de coleta de dados serão realizadas entrevistas semiestruturadas, pois, segundo por meio da fala individual a entrevista privilegia a qualidade das informações obtidas (MINAYO,1994; GIL,2008). A escolha por um formato semiestruturado é justamente para permitir a possibilidade do participante e pesquisador discorrerem sobre o assunto pesquisado, explorando essas experiências vividas e permitindo respostas espontâneas com maior fluidez (TRIVIÑOS, 1987). A elaboração das questões aplicadas na entrevista se baseia nas informações levantadas nos pressupostos teóricos, e são formadas a partir de preocupações iniciais sobre a atuação nesta esfera em específico, sempre com um tema central norteando. As

perguntas se referem tanto ao âmbito profissional (sobre a atuação em si) quanto ao âmbito pessoal (sobre a formação individual de cada participante). Campos (2018, p. 30) afirma que a durante a entrevista, como sujeito, o pesquisador coloca-se em relação dialógica, permitindo um encontro entre consciências responsáveis. Considerando também que é a partir da entrevista com cada participante sobre sua atuação e perspectiva da atividade de trabalho é que conseguiremos reunir significativamente os enunciados de forma que consigamos nos aproximar da situação concreta vivida a partir da narrativa do sujeito nela envolvida (LIMA; ALMEIDA; LIMA; 1999). O recrutamento dos 4 participantes acontecerá

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235  
**Bairro:** JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905  
**UF:** SP **Município:** SAO CARLOS  
**Telefone:** (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br

Página 02 de 06



Continuação do Parecer: 4.788.897

por meio de contato direto com profissionais que tenham atuado na interpretação das primeiras lives musicais durante o período de 2020 no YouTube. Caso haja negativa dos participantes, a busca por participantes seguirá a ordem cronológica das apresentações até completar o número de sujeitos necessários ao estudo. O acesso a esses participantes acontecerá, primeiro, por identificação dos sujeitos em suas redes sociais. Nesse

primeiro contato, será solicitado seu e-mail e, posteriormente, contato institucionalizado pelo endereço enviado por eles com explicação e convite formal para a pesquisa. A entrevista será realizada no dia e hora a combinar com os participantes por meio da plataforma de videoconferência Google meet, respeitando assim as medidas de distanciamento social impostas como medidas protetivas à COVID-19 e preservando a saúde dos envolvidos. Após a submissão do projeto de pesquisa para avaliação no Comitê de Ética será aguardado a devolutiva e permissão para aplicação da pesquisa. A pesquisa iniciará com o aprofundamento teórico sobre os pressupostos teóricos referente ao pensamento bakhtiniano, ergologia e estudos da tradução e interpretação de língua de sinais reunindo as informações necessárias para a compreensão do tema abordado. Durante esse período de estudo bibliográfico, será feito o contato inicial com os possíveis participantes, para solicitação de participação da pesquisa, e se aceito a apresentação do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) para afirmação do consentimento. Também já serão agendados dia e horário para a aplicação da entrevista. É previsto no mínimo a participação de quatro intérpretes de Libras-Português que atuaram em lives musicais no

período da pandemia. A entrevista será gravada para transcrição dos dados e informações, e uma cópia da transcrição será enviada para o respectivo participante como prova de transparência do pesquisador e para comprovação da fidelidade da transcrição. Além do áudio captado das entrevistas, se faz importante analisar as imagens obtidas, pois os entrevistados mobilizarão discursos sobre a Libras, que é de modalidade gestovisual, implicando o uso da imagem do entrevistado quando, eventualmente, apresentar ou exemplificar sua narrativa oral com algum em Libras. Após a coleta de dados será iniciado o processo de análise dos dados obtidos através da entrevista para contextualizar as informações.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

Compreender os desafios envolvidos na interpretação do Português para a Libras em lives musicais.

**Objetivo Secundário:**

Como objetivos específicos, a pesquisa se atentará em descrever (i) as formas de contratação dos

<b>Endereço:</b> WASHINGTON LUIZ KM 235	<b>CEP:</b> 13.565-905
<b>Bairro:</b> JARDIM GUANABARA	
<b>UF:</b> SP	<b>Município:</b> SAO CARLOS
<b>Telefone:</b> (16)3351-9885	<b>E-mail:</b> cephumanos@ufscar.br





Continuação do Parecer: 4.768.897

profissionais intérpretes; (ii) examinar o debate de valores em torno da atuação neste contexto; e (iii) identificar as realidades de trabalho da interpretação em lives musicais, bem como suas perspectivas futuras.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Há o risco de o participante pode vivenciar desconfortos psicológicos ou emocionais durante a entrevista por relembrar situações, vivências e interações no contexto de trabalho que tenham sido desconfortáveis.

**Benefícios:**

Possibilidade de descrever sua prática e refletir sobre ela, vivenciar e elaborar melhor as situações complexas vivenciadas no campo da atividade; contribuir com o avanço dos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais no Brasil.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de uma pesquisa que deve seguir os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 510 de 2016 e suas complementares.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

**Recomendações:**

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Agradecemos as providências e os cuidados tomados pelos pesquisadores ao apresentarem a 2ª versão do protocolo de pesquisa ao CEP da UFSCar.

As alterações e/ou complementações foram realizadas, conforme descrito na Carta resposta e informações incluídas nos documentos analisados.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235  
**Bairro:** JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905  
**UF:** SP **Município:** SAO CARLOS  
**Telefone:** (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.768.897

processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

O parecer do relator foi apreciado por uma câmara técnica virtual do CEP, atendendo às recomendações da Conep para análises de protocolos de pesquisa relativos à Covid-19.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1741204.pdf	28/05/2021 12:14:31		Aceito
Outros	Carta_ao_parecerista.doc	28/05/2021 12:14:18	MARCUS VINICIUS BATISTA NASCIMENTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEFINAL_CorrigoCEPFinal.pdf	28/05/2021 12:13:38	MARCUS VINICIUS BATISTA NASCIMENTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Isabella_CorrigidoFinal_CEP.pdf	28/05/2021 12:13:28	MARCUS VINICIUS BATISTA NASCIMENTO	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_ASSINADO.pdf	26/04/2021 11:12:30	MARCUS VINICIUS BATISTA NASCIMENTO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP **Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9685

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br



UFSCAR - UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 4.768.897

SÃO CARLOS, 11 de Junho de 2021

---

**Assinado por:**  
**Adriana Sanches Garcia de Araújo**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SÃO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9685

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br

Página 06 de 06



## ANEXO 2

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA / BACHARELADO EM TRADUÇÃO E**  
**INTERPRETAÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS LIBRAS/LÍNGUA**  
**PORTUGUESA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 510/2016 do CNS)

A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS EM *LIVES* MUSICAIS DURANTE A  
PANDEMIA DE COVID-19: DESAFIOS, REALIDADES E PERSPECTIVAS

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa “*A atuação do Intérprete de Libras em Lives musicais durante a pandemia de COVID-19: Desafios, realidades e perspectivas*”.

- 1) O objetivo deste estudo é analisar e descrever as competências e os desafios envolvidos no processo de interpretação musical no meio midiático, principalmente das *lives* reproduzidas durante a pandemia.
- 2) O (a) senhor (a) foi selecionado (a) por ser um dos profissionais tradutores e intérpretes que atuou na tradução e interpretação das *lives* musicais reproduzidas no período de COVID-19;
- 3) Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro, isto é, a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento;
- 4) Você não receberá qualquer reembolso relacionado ao uso da internet no momento da coleta de dados;
- 5) A sua recusa não trará nenhum prejuízo na sua relação profissional;
- 6) A coleta de dados será realizada em um encontro online via plataforma *Google meet*, em um ambiente privativo e no horário de melhor conveniência para você, no qual será aplicado uma entrevista sobre a atuação neste contexto. As perguntas não serão invasivas. Você também poderá solicitar uma pausa durante a entrevistas, e terá a liberdade de não responder as perguntas, podendo interromper a entrevista a qualquer momento;
- 7) Você terá direito de acesso prévio aos tópicos que serão abordados na entrevista;
- 8) Será apagado todo e qualquer registro coletado das plataformas digitais, ambiente compartilhado ou “nuvem”, para a segurança dos dados coletados. Porém vale destacar os riscos relacionados as pesquisas em ambientes virtuais, tais como as

limitações das tecnologias e da garantia de total confidencialidade, tendo em mente o potencial risco de violação;

- 9) Como procedimento para análise dos dados será realizado a transcrição do áudio de sua entrevista, por esse motivo se faz necessária a gravação. Para esse estudo solicitamos o uso de sua imagem e voz para análise posterior. Sua imagem será usada no trabalho de análise porque em alguns momentos o (a) senhor (a) poderá fazer uso de algum termo específico em Libras, que é uma língua de modalidade gesto-visual. Após a transcrição, uma cópia será encaminhada para seu e-mail a fim de validação das informações.
- 10) Sua imagem poderá ser divulgada em publicações, tendo em vista a modalidade linguística abordada pela pesquisa;
- 11) Os dados coletados poderão ter seus resultados divulgados em eventos, revistas e/ou trabalhos científicos, livros, capítulos de livros e publicações na mesma natureza, pois espera-se que essa pesquisa contribua diretamente com a formação de tradutores de Libras para atuarem no contexto de interpretação e tradução musical.
- 12) O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o e-mail do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, em qualquer momento. É fundamental guardar uma cópia deste documento eletrônico.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br).

- Aceito participar da pesquisa**  
 **Não aceito participar da pesquisa**

Pesquisador Responsável:

Prof. Dr. Marcus Vinícius Batista Nascimento

Endereço: Universidade Federal de São Carlos/Centro de Educação e Ciências

Humanas/Departamento de Psicologia. Rod. Washington Luís, km 235, Jardim Guanabara.

São Carlos, SP/Brasil. CEP: 05418000

Telefone: 11-98413-0181. E-mail: [nascimento\\_v@ufscar.br](mailto:nascimento_v@ufscar.br)

Pesquisadora participante:

Isabella Maria de Oliveira Brito

Endereço: Rua Porto Alegre, 73, Vila Celina, São Carlos, SP/Brasil.

CEP: 13566-470

Telefone: (16) 99114-8412. E-mail: [isabellabrito@estudante.ufscar.br](mailto:isabellabrito@estudante.ufscar.br)

Local e data: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Nome do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Nome do Participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante